

4

O Contexto do Fenômeno Profético no Cristianismo Primitivo

Introdução

O contexto do Apocalipse parece ser um campo fértil para vislumbrar o fenômeno da profecia cristã. Depois de analisar Ap 10,1-11, no qual se concentram duas importantes perspectivas dessa temática, ou seja, a ‘investidura profética’ e a ‘ordem de profetizar’, dada nos vv. 8-11, faz-se necessário analisar as suas fontes contextuais de onde emergem esse ‘fenômeno’ da profecia no âmbito do cristianismo primitivo.

À guisa de introdução, proporemos um extenso percurso no misterioso ambiente temático da experiência profética da comunidade primitiva⁴⁴⁵, especialmente, a partir dos seus testemunhos textuais, presentes nos escritos neotestamentários, pois não pretendemos aprofundar a experiência profética nos escritos patrísticos⁴⁴⁶.

M.E. Boring, no verbete ‘*Prophecy in Early Christian*’, editado pelo “The Anchor Bible Dictionary⁴⁴⁷”, propõe-se a apresentar uma visão panorâmica do ambiente da profecia cristã e suas interações com o mundo helênico e judaico. Diante dos dois contextos culturais, é possível traçar os elementos peculiares da profecia cristã.

⁴⁴⁵AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and Ancient Mediterranean World*, Michigan, 1991; Idem, *The form and function of the proclamation to the Seven Churches Rev. 2-3*, **NTS 36**, 1990, 182-204; BAUCKHAM, R., *The climax of prophecy*, Edinburg, 1993; BORING, M. E., *What are we looking for? Toward a definition of the term ‘Christian prophet’* **SBLSP**, Missoula, 1973, 142-154; COTHENET, E., *Prophétisme dans le Nouveau Testament*, **DBSup, VIII**, 1972, 1222-1337; GOUDER, M.D., *The apocalypse as an annual cycle of prophecies*, **NTS 27**, 1980, 342-367; HILL, D., *Prophecy and prophets in the Revelation of St. John*, **NTS 18**, 1971/72, 401-418; Idem, *New Testament prophecy*, Atlanta, 1979; Idem, *On the evidence for creative role of Christian prophets*, **NTS 20**, 1974, 262-274; FIORENZA, E.S., *Apokalypsis and propheteia. The Book of Revelation in the Context of Early Christian prophecy*, in LAMBRECHT, J., *L’Apocalypse johannique et l’Apocalyptique dans le Nouveau Testament*, Leiden, 1989, 105-128.

⁴⁴⁶Temos inúmeras e magníficas obras dedicadas a este assunto, tais como: REILING, J., *Hermas and Christian Prophecy. A study of the Eleventh Mandate*, Leiden, 1973; JEFFORD, C.N., *The didache in context*, **NTSup 77**, Leiden, 1995.

⁴⁴⁷BORING, M.E., *Prophecy Early Christian*, in FREEDMAN, D. N. et alii., *The Anchor Bible Dictionary*, Vol. V, New York, Doubleday, 1992, 494-502.

Ao delimitar os contextos culturais oriundos da profecia cristã, o autor sugere evidenciar e precisar aquilo que realmente venha a configurar o ‘perfil do profeta’ e sua atividade na função de ‘profetizar’, inserida no contexto próprio da comunidade primitiva, na qual o ‘fenômeno’ da profecia cristã marca a vida e a fé da mesma.

Ao percorrermos rapidamente as definições exibidas, nos mais conceituados dicionários, sobressai de imediato uma enorme diversidade de conceitos sobre a profecia e seus correlatos. Esses diversos conceitos se justificam devido aos diversificados ‘perfis proféticos’ oriundos dos contextos neotestamentários, não somente dentro do ambiente da comunidade primitiva, mas também do ambiente circunvizinho⁴⁴⁸.

Dessa forma, algumas vezes, o termo ‘προφητ’ se conecta somente à linha conceitual implicada em classificar a mensagem comunicada ou anunciada pelos deuses aos homens. A conceituação do ‘προφητ’, restrita a essa limitada compreensão em si mesma, desfigura e esvazia o seu significado no contexto vasto do qual se originou o termo e sua aplicabilidade, isto é, o contexto judaico e cristão.

Frente a essa dificuldade, em 1973, Society Biblical Literature propôs um seminário com o tema: “Early Christian Prophecy⁴⁴⁹”. O objetivo fundamental do mesmo foi estabelecer critérios objetivos que possibilitassem uma definição coerente do termo ‘prophet’, presente nas inúmeras fontes cristãs⁴⁵⁰. Depois de fervorosos debates, os estudiosos presentes no seminário propuseram a seguinte definição:

“O profeta cristão primitivo foi diretamente inspirado como porta-voz de Deus, Jesus ressuscitado, ou do Espírito que recebeu oráculos inteligíveis no qual ele ou ela deve pronunciar a comunidade cristã ou representante da comunidade, para todas as pessoas⁴⁵¹”.

⁴⁴⁸LIDDELL et SCOTT; Fascher 1927.; “*Prophētēs in greek was a synonym for hypothesis. Originally, both meant simply ‘spokesperson’ or ‘announcer’, but both were used in derivative and metaphorical senses.*”

⁴⁴⁹BORING, M.E., Op. cit., p. 494.

⁴⁵⁰BORING, M.E., Op. cit., p. 495.

⁴⁵¹BORING, ME., Op. cit., p. 496: “*The early Christian prophet was immediately-inspired spokesperson for God, the risen Jesus, or the Spirit who received intelligible oracles that he or she felt impelled to deliver to the Christian community or, representing the community, to the general public...Since the term ‘inspiration’ is used in a variety of senses, ‘immediately-inspired’ is used here to express the prophetic claim that what he or she says represents the present, immediate*”

Essa definição possibilitou avanços significativos na compreensão do profeta como um todo, ou seja, no conjunto dos escritos neotestamentários. Entretanto, permanecem abertas as interrogações, em particular, se tal definição preenche e enquadra o fenômeno profecia cristã ou não?

Para uma análise profunda da problemática envolvente, é indispensável delimitar o alcance e o limite da pesquisa. A nossa pesquisa se propõe a analisar as documentações do fenômeno da profecia cristã em suas origens, mas situada especificamente entre o fim do séc. I d.C. e meados do II d.C. A priori, poderiam dizer anteriores ao advento da ‘New prophecy’ do montanismo.

O fenômeno da profecia cristã apresenta uma riqueza enorme e variada dentro dos escritos neotestamentários. Portanto, não se trata de um evento episódico, esporádico, ou de um movimento isolado, inserido no interior da comunidade primitiva. O pensamento dicotômico vigente e oriundo de concepções equivocadas da teologia cristã sobre o ‘προφήτης’ do AT. e ‘προφήτης’ do NT. tem alertado para o fato de a ‘προφητεία’ ter sido comumente omitida como a principal categoria na compreensão do cristianismo primitivo⁴⁵².

De fato, profetas e profecia fornecem os elementos primordiais para a unidade entre o texto masorético e o texto grego (aqui se pode sublinhar a relação entre os ambientes, tanto da comunidade judaica quanto da comunidade cristã com suas escrituras). Constatam-se as inúmeras referências ao fenômeno da profecia cristã no cristianismo primitivo. Mesmo em sua diversidade, é possível salientar os elementos de continuidade e ruptura no seu conjunto⁴⁵³.

Dois são os parâmetros limitadores desses elementos. Primeiro, se afirma que o contexto da profecia cristã é intrinsecamente inserido na vida da comunidade; assim, o profeta e a profecia cristã expõem não apenas uma revelação, mas, sobretudo, a vivência no seio da mesma. O segundo elemento sublinha a importância e a potencialidade do fenômeno da profecia cristã, não

voice of the deity. This does not exclude the use of sources, traditions, or the prophet's own reflections”. Contudo, a ausência de qual seria o ‘perfil do profeta’ neotestamentário, ou ainda a limitação da inter-relação do profeta com sua atividade são dados que merecem ser averiguados na pesquisa exegética.

⁴⁵²BORING, M.E., Op. cit., p. 50.

⁴⁵³BORING, M.E., Op. cit., p. 501 “*Although prophets, like others, on occasion travel from place to place*”.

apenas como elemento secundário; ao contrário, fazendo parte do corpo da comunidade primitiva⁴⁵⁴.

4.1

O contexto profético cristão

4.1.1

O ambiente judaico-cristão da profecia

A difícil e complexa tarefa de investigar os contextos culturais do fenômeno da profecia cristã na sua interação com o amplo mundo greco-romano, em si mesma, requer um aprofundamento do discurso profético.

Para M.E. Boring, o fenômeno da profecia no ambiente helênico, antes de e a partir de sua manifestação no cristianismo primitivo, apresentam reflexo de um contexto mais amplo e complexo. Devido a essa complexidade, ele se propõe a investigar o fenômeno da profecia cristã num contexto mais extenso possível; mesmo sabendo das limitações inerentes da pesquisa, seu objetivo é descrever a profecia do mundo helênico, mas, sobretudo, a partir de fontes evidentes que permitem colher os termos e dados oferecidos pelo próprio contexto helênico⁴⁵⁵.

Dessa forma, focaliza as manifestações dos fenômenos proféticos de ambas as culturas, enquadradas dentro do objetivo, isto é, a emersão do fenômeno profético no qual emergiu o cristianismo.

Para desenvolver seu trabalho, M.E. Boring toma como critério a necessidade de responder a alguns questionamentos. Qual é a mais apropriada definição de profeta, tendo, como base, as fontes cristãs? Ou ainda, como estabelecer os ‘traços’ da singularidade do ‘fenômeno profético’ inserido no contexto literário apocalíptico? As fontes cristãs possibilitam e são apropriadas para estabelecer os princípios fundamentais entre ambos os contextos, tendo em

⁴⁵⁴BORING, M.E., Op. cit., p 501 “*The prophets functioned in the gathered worship of the community, not in private séances or consultations. The burden of their message was the edification of the community, not the satisfaction of private curiosity*”.

⁴⁵⁵BORING, M.E., *What are we looking for? Toward a Definition of the Term “Christian Prophet”*, in SBLSP, Missoula, 1973, 142-154.

vista as cruciais ambigüidades existentes no uso do termo ‘προφήτης’⁴⁵⁶, no contexto do cristianismo primitivo e sua interação com o vasto mundo greco-romano, não enfatizando as diferenças semânticas, mas os dados que sinalizam a dicotomia na estrutura conceitual no qual o termo foi aplicado.

Diante dessas interpelações, brota a necessidade de criar critérios com os quais se possam reconstituir o ‘perfil’ do profeta cristão. Constatase, em primeiro lugar, a obrigatoriedade de ampliar a visão do ‘profeta cristão’, em particular, libertando-o da marca cultural semítico e, com isso, vislumbrando os traços primordiais oriundos do mundo greco-romano.

Para tanto, a melhor formulação da definição da profecia cristã se faz referindo-se à função e à pessoa. Essa definição evidencia dois aspectos: 1. No contexto do cristianismo primitivo, a profecia é exercida predominantemente por aqueles denominados profetas. 2. O aspecto ‘funcional’ possibilita trilhar um caminho mais extenso, permitindo sublinhar os ‘traços’ primordiais do contexto greco-romano. Com esses aspectos, sobressaem as diferenças, mas, sobretudo, é possível iniciar uma investigação específica dos fenômenos proféticos em ambos os contextos⁴⁵⁷.

Ao longo da história, a função e o ‘perfil’ da função do profeta passou pelo processo evolutivo. Isso se pode verificar, no ambiente da Grécia antiga, no período helênico e na literatura cristã primitiva⁴⁵⁸.

No período clássico da Grécia, o termo ‘prophētēs’ e seus derivados são utilizados no sentido etimológico do vocábulo, ou seja, compreendido como proclamador ou anunciador. Pode-se classificar em grupos específicos de proclamadores: a) os oficiais dos santuários oraculares; b) pessoas inspiradas que

⁴⁵⁶O termo ‘προφήτης’ e seus correlatos nos textos neotestamentários têm uma diversidade enorme de implicações. Para Paulo, o termo ‘propheteia’ é conectado à habilidade e dom de profetizar, anunciando mensagens inspiradas pelo Espírito revelado a uma determinada pessoa. Assim, essa compreensão prevaleceu no cristianismo primitivo. No mundo helênico, ao contrário, tal atividade recebeu outro nome, foi chamada de ‘mantike’. Já a aplicação do verbo ‘Προφητεύω’ – profetizar – assume a função de proclamar um oráculo (Ap 10,11) no cristianismo primitivo. No ambiente greco-romano, trata-se do ofício mantido pelo profeta.

⁴⁵⁷Assumindo esses tópicos como critério de distinção e união de ambos os contextos, é possível corrigir distorções do uso do termo ao longo da história. Em primeiro lugar, o termo ‘prophētēs’ no mundo helênico foi amplamente usado para designar êxtase; essa característica aparece nos textos do NT. Nos textos extra-bíblicos, ele foi entendido como o orador oficial, exercendo um papel ativo no processo dos oráculos.

⁴⁵⁸Neste aspecto, sobressai o trabalho de T.M. Crone. Trata-se de uma magnífica obra de investigação da profecia em seus diversos estágios, com particular ênfase sobre o papel e a função da profecia.

exercem os dois aspectos, ou seja, receptor da mensagem e proclamador dos oráculos dos deuses⁴⁵⁹.

Em continuidade, o período helênico enfatiza dois significados específicos: a) ‘prophêtês’ vem conectado aos altos sacerdotes egípcios. Aqui, os sacerdotes não têm contato específico com a questão dos oráculos; b) a adaptação do termo pelos tradutores da LXX. O termo ‘prophêtês’ faz referência ao termo hebraico ‘nabi’. No entanto, não se tem clareza da aplicação e do paralelismo desse termo com o significado de inspiração inerente nos primeiros e principais profetas inspirados⁴⁶⁰.

Em síntese, ao constatar o uso do termo ‘prophêtês’, no período clássico da Grécia, existe pouca referência à concepção de inspiração. Entretanto, eles eram oradores oficiais dos santuários e exerciam sua autoridade independentemente da inspiração. No contexto da literatura cristã primitiva, o termo ‘*profh, thj*’ foi aplicado àqueles membros da comunidade que exerciam o papel de representante do Cristo ressuscitado ou guiado pelo Espírito Santo. O uso cristão do termo provavelmente tenha sido anexado à literatura cristã no período final helênico, associado ao ‘entusiasmo frenético’; os profetas, que foram também chamados de ‘prophetai’, foram descritos como ‘manticos’.

Em aberto permanece o questionamento sobre o profeta cristão presente no Apocalipse de João: se este expressa sua autoridade a partir do cristianismo primitivo ou o mundo circunvizinho exerceu forte influência sobre a sua concepção?

Por fim, resta-nos fazer uma ‘descrição’, se assim se pode dizer, do ambiente da profecia judaico-cristã. No âmbito judaico, a profecia teria terminada no tempo de Esdras e a mesma retornaria no tempo escatológico. Tal

⁴⁵⁹Para Forbes, a síntese proposta por E. Fasher é equivocada, pois o termo ‘mantis’ e ‘prophêtês’ são complementares, não equivalentes, conforme sua afirmação: “In connection with oracles ‘prophêtês’ usually designates one who may more precisely be called ‘mantis’...”; Cf. E. Fasher, Prophêtês, p. 13. Compare also the summary of Krämer, art. Cit., p. 790, cited above, and that of Crone, Prophecy, p. 37: “*Its primary reference is to the function of announcing or proclaiming the answer of the god to the enquirer whether directly or indirectly*”.

⁴⁶⁰Crone suggests, Prophecy, p. 14, that “*it could have been that the first nabi passages to be translated concerned temple prophets (Cf. Zachariah 7,3), and the προφήται in Greece were first of all cult officials. More probably, however, the translators thought first of the major prophets as preachers and announcers of the will of God, and this function is well described by the basic meaning of προφήτης .*” Constata-se também ser um período rico do termo, tendo em vista, os inúmeros epígrafos e papiros relacionados ao termo ‘prophêtês’.

compreensão não se evidencia no período neotestamentário⁴⁶¹. Pois, segundo testemunho antigo, como, por exemplo, Filon – mesmo sem explicitar ou se considerar profeta – tem uma participação ativa nas freqüentes discussões e descrições minuciosas da experiência profética, descrevendo claramente o fenômeno observado por ele na sinagoga. Outro ponto de análise vem da comunidade de Qumrân. Essa sinaliza a presença da profecia em grupo fora do judaísmo; eles acreditam estar vivendo os últimos dias. A essa perspectiva é inserido o ‘dom da profecia’ que tem sido restabelecido⁴⁶².

Além do mais, a figura de João Batista e a de Jesus assumem papel decisivo na existência do ‘prophet’ e da ‘propheteia’ neotestamentária. O primeiro é descrito pela tradição na função profética de sua vocação, consciente do chamado divino, convocado para ser sinal de conversão. Nesta linha, a profecia se fundamenta a partir do contexto do julgamento escatológico; *a posteriori*, se trata de um tempo eminente, ou seja, o tempo do fim (futuro) é próximo (Mt 3,7-12; Lc 3,7-9). Dessa forma, João Batista se enquadraria perfeitamente na categoria da ação simbólica de um profeta⁴⁶³.

Nos evangelhos sinóticos, Jesus pertenceria à tradição profética. Para Lucas, Jesus é entendido como o profeta escatológico expresso e prometido nas escrituras. (Lc 24,19; At 3,22-23; 7 37). Recentes estudos sobre o evangelho de Marcos têm proposto uma reconstrução da figura profética de Jesus a partir da construção eclesial. Essa hipótese conceberia e assemelharia Jesus a um sábio céptico ou então um profeta judaico. No entanto, a maioria dos centros de pesquisa mantém a relevância do eixo profético conectado a João Batista e Jesus,

⁴⁶¹ *Jewish – some streams of rabbinic Jewish tradition held the view that prophecy had ceased in the time of Ezra and would not return until the eschatological age...the NT presents only minimal and indirect evidence for contemporary Jewish prophecy (Jo 11,51; At 13,6). There is massive evidence for 1st-century Jewish prophecy, however, from the Jewish sources themselves.*

⁴⁶² *The Teacher of Righteousness did not use the word ‘prophet’ of himself, but functioned as a prophet, speaking from the mouth of God (1 QpHab 2,2-3), taught by God himself, who has poured out his spirit upon him (7,4 -7). As in early Christianity, prophecy was related to the interpretation of Scripture and to the eschatological theology of the community”.*

⁴⁶³ BORING, M.E., *Prophecy Early Christian*, p 497 “The first prophet described in the New Testament is John the Baptist, whose career was contemporary with, and in some respects like, that of Jesus: he was a popular charismatic figure who created eschatological excitement...”
Compreendido como profeta escatológico.

sendo os mesmos propulsores da profecia cristã primitiva e do ‘perfil’ profético cristão⁴⁶⁴.

O ‘Corpus Paulino’⁴⁶⁵ reflete, em diversos textos, a problemática da profecia cristã na literatura neotestamentária. Na primeira Tessalônica (I Ts 5,19-20), o apóstolo aparece como defensor do ‘dom profético’, agindo energicamente contra os difamadores. O contexto parece indicar algum tipo de problema em relação à profecia, o que levou um determinado grupo a rejeitá-la. Paulo, neste contexto, torna-se promotor da acolhida do fenômeno profético como expressão do Espírito, porém a mesma deve estar sujeita a críticas e avaliações.

Outra acirrada discussão da problemática envolvendo a profecia cristã no NT, no ‘Corpus Paulinus’, nos é dada na I Cor 12-14. Semelhante à discussão da I Ts, cujo tom polêmico parece dominar o texto, o apóstolo novamente se revela como defensor da profecia. Embora o contexto seja diferente, a problemática dentro da tradição paulina parece indicar uma disputa interna na comunidade⁴⁶⁶.

A ‘escola joanina’, isto é, o Quarto evangelho, as cartas e o Apocalipse de João, possibilitam enxergar elementos de traços proféticos nos seus textos. No Quarto evangelho, a ênfase principal recai sobre a pessoa de Jesus (‘prophet’ – Jo 4,19. 44; 9,17). O aspecto ‘funcional’ da profecia cristã parece ser clara na comunidade joanina. Pode-se confirmar que, devido às profundas semelhanças existentes entre o Quarto evangelho e o Ap, neste último, o autor está inserindo a ‘escola’, onde os pontos de contatos entre o evangelho e Apocalipse sinalizam uma interação entre ambos os textos, mas, sobretudo, na perspectiva da profecia cristã, para a qual são claros os traços proféticos no Apocalipse, pois se trata do

⁴⁶⁴KLOPPENBORG, J.S., *The Formation of Q*, Filadelfia, 1987; ROBINSON, J. M., The Jesus Movement in Galilee: reconstructing, In *Bulletin of the Institute for Antiquity and Christianity*, 14 (1987), 4-5.

⁴⁶⁵Expor apenas alguns aspectos da dimensão profética do ‘Corpus Paulinum’, no intuito de contribuir com a compreensão do fenômeno da profecia cristã.

⁴⁶⁶BORING, M.E., Op. cit., p. 498 “*Scholars have identified numerous passages in Paul’s epistles where he is incorporating his own prophetic revelations of the oracles of some other Christian prophet. Three that are commonly so identified are 1 Ts 4,15-17; Rm 11,25-26; e 1 Cor 15,51-52, while a larger number are identified more tentatively. Paul’s epistles also contain a large number of prophetic forms and formulas, which he seems to use habitually and unconsciously even when he is not citing a prophetic oracle*” Cf. MULLER, U., *Prophetie und Predigt im Neuen Testament*, Gutersloh, 1975. Além dessa sintética exposição, o autor percorre ainda as cartas deuteropaulinas; a fonte Q; os evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e o texto dos Atos dos Apóstolos.

autor-profeta⁴⁶⁷. A percepção do ministério do Profeta cristão influencia na imagem de Jesus e do Paráclito na comunidade joanina⁴⁶⁸.

O Apocalipse de João é, obviamente, o escrito neotestamentário que mais aprofunda e expressa os elementos constitutivos da profecia cristã, além de ser o principal documento primitivo preservado no cânon neotestamentário⁴⁶⁹. Considerando a forma apocalíptica presente no texto, há como exemplos, os sete selos, as sete trombetas, elementos subordinados ao entendimento da revelação como Profecia Cristã, da qual o Senhor Ressuscitado fala diretamente aos seus profetas. Embora a presença massiva de conteúdo apocalíptico e de suas formas apocalípticas, o Ap é, não obstante, um perfeito documento profético⁴⁷⁰.

4.1.1.1

O estudo da profecia cristã

Desde a obra de H. Weinel⁴⁷¹, na qual o autor se interroga pela primeira vez sobre o significado dos relatos proféticos nos textos do NT. e nos testemunhos dos Padres, constata-se um avanço considerável na pesquisa neste campo privilegiado de observação da vida e da literatura cristã primitiva. Entre esse progresso, se podem visualizar os estudos de J. Reiling⁴⁷², segundo o qual, a

⁴⁶⁷BORING, M.E., Op. cit., p 500 “*We would expect a priori that the gospel would also originate from a circle in which the prophetic ministry was alive*”.

⁴⁶⁸BORING, M.E., *The influence of Christian Prophecy on the Johannine Portrayal of the Paraclete and Jesus*, NTS 25 (1978), 113-123; Cf. BORING, M.E., Op. cit., p. 500 “*On the night before Jesus’ death, the disciples are promised that the Spirit will come in Jesus’ name and speak with Jesus’ authority, the Paraclete who will both keep alive the memory of Jesus and reveal new truth after Jesus’ death (14,15-17,25-26; 15,26-27; 16,8-11. 12-15). The function of christian prophets are here described*”.

⁴⁶⁹Outros textos têm o seu valor reconhecido, como por exemplo: Didaque; Odes de Salomão. Pastor de Hermas. Este último assemelha-se ao Ap, no entanto a ‘prophecy’ do autor é apenas uma composição literária. “*the Shepherd of Hermas likewise emanates from within a structured ecclesiastical context, the Roman church in the first half of the 2d century, and is written by an author never refers to himself as a prophet....the author is, nonetheless, a prophet by our definition, for the document repeatedly presents itself as the revelation of the Holy Spirit or Son of God to his church in the latter day (Vis. IV, 1.3)*”.

⁴⁷⁰BORING, M.E., Op. cit., p 500 “*Unlike the apocalyptists, John speaks in his own name the revelation he receives from the exalted Lord. That he uses traditional materials and stereotyped forms is no objection to the reality of his visionary experiences, for prophets customarily made use of traditional forms and materials to convey their messages received in various degrees of ‘ecstatic’ experience*”.

⁴⁷¹WEINEL, H., *Die Wirkungen des Geistes und der Geister im nachapostolischen Zeitalter bis Iranaeus*, Freiburg, 1899.

⁴⁷²REILING, J., *Herms and Christian Prophecy. A study of the Eleventh Mandate*, Leiden, 1973; “*The discovery of Didaque in 1883 marked the beginning of a new era in the history of research into Christian prophecy...*”, sobretudo, com a descoberta do Pastor de Hermas, em 1888.

descoberta da Didaque, em 1883, tornou-se o marco inicial de uma nova era na história da pesquisa sobre a profecia cristã⁴⁷³.

Representando a fase contemporânea da pesquisa, temos o trabalho de D.E. Aune, com uma acurada análise dos autores que compõem a fase contemporânea da pesquisa sobre o profetismo cristão⁴⁷⁴.

Última avaliação da pesquisa no âmbito profético do Novo Testamento, depois do trabalho monumental de Aune, é o estudo de J. Fekkes III, sobre a influência do profeta Isaías no texto do Apocalipse⁴⁷⁵. Além dessa obra, deve-se ainda ressaltar dois estudos específicos sobre a profecia no Apocalipse de João: o artigo de D. Hill⁴⁷⁶ e o livro de R. Bauckham. Hill, que propõe a ‘descrição’ da

⁴⁷³HEILING, J., Op. cit., p. 6 “*Its collects and discusses briefly all the texts from Greek, Egyptian, Jewish and Christian sources, that are related to the word ‘prophêtês’, its synonyms and its opposites*”; GUY, H. A. *New Testament Prophecy: its origins and significance*, London, 1947. Neste momento, ainda em forma embrionária, sinaliza os passos posteriores para a pesquisa sobre a conceituação do profeta cristão e sua profecia.

⁴⁷⁴AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity*, p. 1-14. Apresenta os cinco grandes autores contemporâneos e suas respectivas obras. De antemão, dois elementos servem de critério geral de avaliação destas obras: de um lado, o problema da distinção entre uma afirmação de fundo teológico, não poucas vezes baseada somente no âmbito dos textos canônicos, e aquela de fundo ‘fenomenológico’, na qual se busca analisar os documentos, pela sua capacidade de testemunhar e descrever um fenômeno, nas suas circunstâncias mais verossímeis; do outro, a delicada manutenção do equilíbrio na consideração das origens da profecia cristã, seja da fonte judaica (a evidente influência de modelos e textos vetero-testamentários induz muitos autores a não considerar, nem ao menos, outro fronte cultural, dos tantos existentes na Palestina e na Ásia Menor dos primeiros séculos) ou greco-helenístico. Analisa a obra H. A. Guy, *New Testament prophecy. Its origins and significance*, London, 1947, que tem o seu eixo central na questão da figura ‘profética’ de Jesus, cume e auge da profecia: p. 1-2: “The focus of the book is not so much NT prophecy as it is the superior and ultimate form of prophecy represented by Jesus of Nazareth...” Doze anos depois, aparece o verbete ‘prophêtês’, de *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, 1959, p. 5 “The focal article is of course, G. Friedrich’s discussion of prophets and prophecy in the NT, which become a standard of the subject. Friedrich’s concerns, however, are not limited to a discussion theological framework within which he evaluates the evidence”. Neste mesmo período, aparece o artigo de E. Cothenet, *Prophétisme dans le Nouveau Testament*, in **DBSup VIII**, (1972), 1222-1227; Convém aqui também ressaltar a obra de T.M. Crone, *Early Christian Prophecy. A study of its origins and functions*, Baltimore, 1973. p. 7-9; “Methodologically the book is superior to all the other general presentations we are reviewing, a feature to which we shall refer more than once below... his study is a model of historical investigation with theological tendencies for the most part remarkably absent”, por fim o trabalho de D. Hill, *New Testament prophecy*, Atlanta, 1979, p. 9 “the author’s purpose is the presentation of a fresh review of the evidence and recent scholarly research since the publication of H. A. Guy’s book in 1947”.

⁴⁷⁵FEKKES III, J., *Isaiah and prophetic tradition in the Books of Revelation*, **JSNTSup 93**, (1994), Sheffield. Ele comenta brevemente, como era próprio caso, o trabalho de Aune, *Prophecy in Early Christianity and Ancient Mediterranean World*, Michiga, 1983, sobre o qual se apoiará durante toda a sua pesquisa; p. 22 “Aune’s work in particular, published in 1983 under the title, *prophecy in Early Christianity and Ancient Mediterranean World*, received very positive reviews and has already been touted some as the standard treatment of the subject”. Cf. BORING, M.E., *Prophecy early Christian*, in **ABD, V**, New York, Doubleday, 1992, p. 496-502.

⁴⁷⁶HILL, D., *Prophecy and prophets in the Revelation of St John*, **NTS 18**, (1971), 401-418.

profecia e do profeta a partir dos textos do Apocalipse. Bauckham⁴⁷⁷ constata o cume e auge da profecia no Apocalipse como o clímax.

4.1.1.2

A profecia cristã no contexto primitivo

“O cristianismo da origem emerge como religião distinta do judaísmo num processo longo e gradual, que começou por volta da metade do I século e continuou por boa parte do II século”⁴⁷⁸.

Dessa forma, o cristianismo primitivo, em seu início, tem uma viva experiência da comunidade judaica palestinese; portanto, é fruto de longos séculos de tradições israelítico-judaicas, cujo centro é a escritura. Todavia, esse período sofreu o seu amadurecimento no ambiente greco-romano e foi profundamente alterado pela tradição e pela cultura do ocidente.

A escola Alemã de história da religião julgava o cristianismo como uma religião sincretista, cujas principais características provenientes das religiões e das culturas orientais e ocidentais se fundiram em um modo original, formando uma fé nova e vital. Nessa linha, pouquíssima atenção se deu à tradição israelítico-judaica. Somente com a descoberta dos manuscritos do Mar Morto, em 1947, se começou a dar evidência ao mundo israelítico-judaico e a perceber que a teoria da função explicativa da religião e da cultura greco-romana, para compreender o cristianismo primitivo, era insuficiente. Passou-se a aprofundar melhor os estudos, pois se percebiam as inadequações ocorridas.

O estudo dos idiomas (grego e hebraico), literatura clássica e outras disciplinas ganharam espaço e força que permitiram aprofundar a capacidade religiosa e social do cristianismo primitivo; em outras palavras, a busca da verdadeira fonte vê o cristianismo primitivo interagindo com uma diversidade enorme de tradições de seu tempo.

O pré-conceito diante dos elementos históricos do mundo greco-romano foi visto como constituído de uma degeneração da fé cristã. Ao contrário, os

⁴⁷⁷BAUCKHAM, R., *The climax of prophecy. Studies on the Book of Revelation*. Edinburgh, T&T Clark, 1993.

⁴⁷⁸AUNE, D.E., Op. cit., p. 41 *“Il cristianismo delle origini emerge come religione distinta dal judaísmo in processo lungo e graduale, che cominciò attorno alla metà I secolo e continuò per buona parte del II secolo”*.

elementos de continuidade com a tradição israelítico-judaica indicaram fidelidade com a tradição bíblica (normativo). Essa hipótese se fundamenta sobre os pressupostos teológicos e não históricos, esquecendo-se de que, mesmo o judaísmo, experimentou a corrente helênica no seu processo histórico⁴⁷⁹.

4.1.1.3

Os primórdios da profecia cristã

Em geral, entre os anos 30 e 150 d.C. se delimita o período de início e declínio da profecia cristã. Um limite sinalizador do declínio é o movimento carismático denominado ‘Montanismo’⁴⁸⁰. Neste percurso de tempo, os profetas e suas revelações exerceram um papel preponderante no cristianismo.

Muitas teorias foram propostas sobre o ambiente e o estabelecimento dos profetas cristãos e da profecia no contexto do cristianismo primitivo situado na Palestina⁴⁸¹.

Dentro desse universo vasto e fértil do qual emergiu a profecia cristã e enorme quantidade de textos, em particular, os preservados e conservados pela tradição neotestamentária, é possível detectar dois tipos diversos de testemunhos: notícias sobre a profecia e sobre a atividade dos profetas cristãos, seus ditos e ações proféticas no âmbito do cristianismo primitivo⁴⁸².

Nesse universo, três fontes podem ser consideradas principais, I Cor 12-14⁴⁸³; Atos dos Apóstolos⁴⁸⁴; Didaque 10-13⁴⁸⁵. Além desses, dois outros escritos

⁴⁷⁹AUNE, D.E., Op. cit., p. 42 passim.

⁴⁸⁰ASH, J.L., *The decline of Ecstatic prophecy in the Early Church*, **ThStud** 37, (1976), 227-252; KRAFT, H., Vom ende der urchristlichen prophetie, in PANAGOPOULOS, J. (ed.), *Prophetic vocation in the New Testament and Today*, Leiden, 1977, p. 162-185.

⁴⁸¹JEKKES III, J., *Isaiah and prophetic tradition in the Book of Revelation*, **JSNTSup** 93, (1994), 24-25; REILING, J., *Prophecy, Spirit and Church*, in J. Panagopoulos (ed.), *Prophetic vocation*, 58-76; ELLIS, E.E., *Prophecy in the New Testament Church and Today*, in PANAGOPOULOS, J. (ed.), *Prophetic vocation*, 46-57; sobre a exegese profético-carismática, redimensionada por AUNE, D.E., Op. cit, p. 339-346.

⁴⁸²AUNE, D.E., Op. cit., p. 190: “*Apart from a few insignificant exceptions, early Christian literature is only source for our knowledge of early Christian Prophecy. Two different kinds of information on this subject are found in this literature: information about prophecy and the activities of Christian prophets, and prophetic saying and speeches of Christian prophets. These two categories of data must be treated with considerable caution...*”

⁴⁸³DAUTZENBERG, G., Botschaft und Bedeutung der urchristlichen prophetie nach dem erstem Korinthebrief (I Cor 1, 6-16; 12-14), in J. Panagopoulos (ed.), *Prophetic vocation*, p. 131-161; ELLIS, E.E., *Prophecy and Hermeneutic*, Tübingen, 1978, esp. 3-115; HILL, D., *New Testament prophecy*, Atlanta, 1977, esp. 110-140; AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and Ancient Mediterranean world*, Michigan, 1991, esp. 248-261; FORBES, C., *Prophecy and Inspired speech*

têm sua fundamental importância no conjunto, por sua descrição direta – como profecia cristã escrita: o Apocalipse joanino e o Pastor de Hermas⁴⁸⁶.

O testemunho mais antigo da profecia cristã, a nós legado até os nossos dias, é a I Ts. Nesta, exprime-se a certeza da presença e da ação do Espírito na vida dos crentes (I Ts 1,5-6; 4,8; 5,14) e a esta presença é conexas a profecia cristã: I Ts 5, 19-22 “ τὸ πνεῦμα μὴ σβέννυτε, *προφητείας* μὴ ἐξουθενεῖτε, πάντα δὲ δοκιμάζετε, τὸ καλὸν κατέχετε, ἀπὸ παντὸς εἴδους πονηροῦ ἀπέχεσθε”⁴⁸⁷.

A partir dessa perícopé, é possível, mesmo sem uma análise mais profunda, destacar três informações de caracterização da profecia:

1. A conexão entre o Espírito e a profecia;
2. Profecia foi uma atividade ordinária na comunidade;
3. A profecia se tornava motivo de conflito ao interno da comunidade⁴⁸⁸.

Os Atos dos Apóstolos, como obra Lucana, numa dialética tensão com a Carta aos Tessalonicenses, inclui uma enorme quantidade de informações preciosas sobre a profecia e outros fenômenos de revelação. É possível, como exemplo, perceber a intrínseca relação entre o Espírito e a Profecia (At 15,28; 20,23): o Espírito ‘fala’ pela boca dos profetas. Além disso, ainda sobressai a comparação do como a atividade profética é normal e difundida, e algumas vezes praticada no interior de grupos⁴⁸⁹. D.E. Aune adverte para o perigo de absolutismo

in *Early Christianity and Its Hellenistic environment*, **WUNT – 2 Reihe 75**, Tübingen, J. C. B. Mohr, 1995.

⁴⁸⁴Cf. GEORGE, A., *L'Oeuvre de Luc: Actes et Évangile*, in VVAA, *Le ministère et les ministères selon le Nouveau Testament*, Paris, 1974, 207-240; esp. 217-218; HILL, D., *New Testament Prophecy*, p.94-109; AUNE, E.D., *Prophecy*, 266-270; FORBES, C., *prophecy and inspired speech*, esp. 218-250.

⁴⁸⁵AUDET, J-P., *La didachè. Instructions des Apôtres*, Paris, 1958; GIET, S., *L'Énugme de la Didachè*, Paris, 1970; AUNE, DE., Op. cit., p. 266-270; 310-311.

⁴⁸⁶REILING, J., *Hermas and Christian Prophecy. A Study of the eleventh Mandate*. Leiden, 1973; Cf. AUNE, D.E., Op. cit., p. 299-309.

⁴⁸⁷AUNE, D.E., Op. cit., p. 190-191; FEKKES III, J., *Isaiah and Prophetic tradition in the Book of Revelation*, **JSNTSup 93**, (1994), p. 27, nota 13.

⁴⁸⁸Essas informações estão fundamentadas no ‘corpus Paulinus’, pois Paulo concebe a profecia como um dom no mais alto grau; nas listas de ministros, os profetas são citados imediatamente após os apóstolos; Cf. FRIEDRICH, G, **GLNT XI**, 621; J. Fekkes, 27-28.

⁴⁸⁹Devido à abundância de material, exige-se, sem dúvida, um enfoque especial, que não é possível neste trabalho. Entretanto, referimos as ricas indicações de D. E. Aune, *Prophecy*, 191-192. Aqui, destacamos os quatro elementos colocados em relevo na comparação entre Atos e I Tes, p. 192: “A number of early Christian are labeled ‘prophets’ and appear to have practiced prophesying on a regular basis; 2. Prophesying is also depicted as an unexpected activity which coincides with the experience of being filled with the Holy Spirit for the first time (At 19,1-6; cf. 2,1-4. 15-21; 10, 44-46); 3. Further, prophesying is one among many manifestations of the Holy Spirit; 4. Some functions of prophecy mentioned in Acts include prediction of future (11,27-28;

comparativo, tendo em vista que as informações devem ter um caráter relativo em seus valores, em particular, devido ao seu contexto diversificado do qual emergiram esses dados⁴⁹⁰.

G. Theissen⁴⁹¹, no ano de 1989, sublinha o importante papel dos ‘doze’, no processo de concepção da exegese e da tradição proféticas, acopladas e continuadas pelos mesmos ao ministério profético de Jesus. Com isso, ele atribuía à atividade do ministério ‘apostólico’ um dos elementos de acréscimo da atividade profética⁴⁹².

Segundo J. Fekkes, o emprego da categoria ‘itinerante’ para referir-se à identidade do profeta cristão, em sua relação com os apóstolos e evangelista, parece, ao ser ver, uma teoria reducionista e sujeita a uma série de interpelações. Reduzia a concepção de todos os ministérios a um único esquema, empobrecendo, dessa forma, a sua riqueza, por causa das diversas perspectivas implicadas nos ministérios⁴⁹³.

À guisa de conclusão, pode-se afirmar um progresso desde a origem da profecia cristã, testemunhada pela vida das comunidades na Palestina do II séc, até sua decadência, conforme os dados ‘descritos’ em vários estágios de sua evolução.

20,23; 21,10-11), selection of particular individuals for special tasks (13,1-3), solving religious disputes (15,28. 32), and guidance in making various decisions (16,6-10).

⁴⁹⁰AUNE, D.E., Op. cit., 192: “The mention of prophesying in 1 Thessalonians is tantalizingly brief but unquestionably historical. The wealth of material on the subject of prophets and prophecy in Acts is certainly of great value, but is not as certainly or as uniformly historical. In Luke-Acts, in contrast to 1 Thessalonians, oracles and divine revelations of various kinds have an important literary function. Simply because prophetic revelation serves a literary purpose in Luke-Acts are two very different kinds of witnesses to the role of prophecy in early Christianity.”

⁴⁹¹THEISSEN, G., *Studien zur soziologie des Urschristentums*, WUNT 19, Tübingen, 1989.

⁴⁹²THEISSEN, G., *Wanderradikalismus: Literatursoziologische aspekte der Überlieferungsformen von Worten Jesu im Urchristentum*, ZTW 70, (1973), 254-271; E. Cothenet, *Prophétisme dans le Nouveau Testament*, DBSup VIII, (1972), 1285-6; D.E. Aune, *Prophecy*, 193 e 393-404. Ele expõe a teoria de G. Theissen, mas destacando, sobretudo, o isolamento das comunidades em um amplo contexto pagão, que lhes hostilizava e isolava, reforçando assim a importância destes ministérios que passavam reanimando e renovando a convivência eclesial, seja ‘ad intra’, seja ‘ad extra’, isto é, a rede de comunidades inter-relacionadas.

⁴⁹³FEKKES III, J., Op. cit., p. 26: ‘In the search for possible factors which may have contributed to the emergence of prophets among the early Christian, one item is often overlooked: the presence of Jewish charismatic and apocalyptic prophets in late second temple Judaism. The rise of prophets within the earliest Hebrew Christian communities did not place in a vacuum. In addition to apocalyptic visionaries and prophetic messianic figures, individual prophets, groups of prophets and other charismatics are among the Essenes, the Zealots and Phariseus’; em esp. nota 11, na qual ele cita uma vasta bibliografia de sustento a esta visão das origens do fenômeno profético-cristão primitivo.

4.1.2

O ambiente Helênico da profecia

A profecia no mundo helênico deve ser abordada em seu contexto amplo, visto que, por um lado, se encontra o ambiente helênico, ou seja, o mundo greco-romano, e do outro lado, está o mundo judaico com toda a sua história sócio-político-religiosa. As interseções entre essas tradições influenciam e são influenciadas na sua concepção de profecia⁴⁹⁴.

A verificação da profecia no ambiente helênico com seus traços peculiares, nos quais se revelam a existência de elementos dos chamados ‘prophet’ e ‘prophecia’ no âmbito da cultura helênica, possibilita confirmar tanto sua atividade, quanto o seu importante papel na conjuntura sócio-religiosa de seu mundo. Por isso, é fundamental assegurar sua presença e o seu ‘perfil’ com sua rica diversidade de funções existentes.⁴⁹⁵

Para estabelecer uma concepção da profecia greco-romana, é preciso averiguar, em profundidade, os seus elementos primordiais e constitutivos. Sem esses dados se pode, sem dúvida, esquivar-se de toda a problemática envolvente e sair pela tangente, ou seja, assumir uma diretriz secundária, onde o fio condutor não leve a extrair as verdadeiras interseções. Entretanto, conceitos amplos e vagos sobre a profecia greco-romana têm sido acoplados à noção de profecia cristã primitiva.

A sustentação da conceituação da profecia cristã primitiva, a partir de suas fontes bíblicas e extra-bíblicas, com os dados comuns e em contraposição, possibilita enfatizar o seu entendimento do ‘perfil profético’ ou até mesmo no exercício de sua função, o ‘ato de profetizar’.

Expostas essas considerações, se pode agora expor os elementos visíveis e característicos da profecia greco-romana e sua interação com a profecia cristã primitiva. Para delimitar nossa investigação, propomo-nos a sublinhar alguns

⁴⁹⁴LEVIEILS, X., *Juifs et Grecs dans la communauté johannique*, **Bib 82**, (2001), 51-78.

⁴⁹⁵BORING, M.E., Op. cit., p. 496 “*The Judeo-Christian tradition not introduces prophecy into the Hellenistic world. The inspired spokesperson for the gods, the oracle giver, the ecstatic mouthpiece for the deity.....Prophecy was located within the broad spectrum of devices by which information from the world of the gods was transmitted. There was a tradition at least as old as Plato of distinguishing ‘artificiosa divinatio’ and ‘naturale divinatio’*”. Cf. AUNE, E.D., *Prophecy in Early Christianity and Ancient Mediterranean World*, Michigan, 1991. Conclui-se que a profecia grega, nem sempre foi entendida como constante êxtase.

tópicos, sem, contudo, desmerecer outros com os quais engrandeceria a pesquisa ou que podem ser acrescentados ao longo dessa tese.

1. A profecia helênica – teria como resultado a espontânea inspiração dos deuses. Entretanto, ela foi normalmente concebida como resposta a indagações humanas, cuja iniciativa e manipulação têm forte interferência da pessoa; 2. não estava restrita em função de um grupo religioso particular, mas fazia parte do ambiente cultural mais amplo; 3. Comumente foi direcionada às necessidades e questionamentos dos indivíduos. Esses procuravam descobrir os enigmas da divindade em relação ao seu futuro ou dados futurísticos de sua vida pessoal; 4. Os oráculos apresentam-se inseridos de contexto muito ambíguos; 5. As coleções de oráculos foram preservadas pelas comunidades. Posteriormente, novas gerações as reinterpretem fazendo referência às suas situações atuais⁴⁹⁶.

Com esses dados sobre a profecia helênica, é possível descrever, ainda que de forma embrionária, os elementos convergentes e divergentes no âmbito da profecia helênica e cristã. Há uma forte semelhança no tópico quinto, no qual as coleções de oráculos são preservadas e reinterpretadas; o mesmo se dá na profecia cristã primitiva, quando a mesma retoma as fontes bíblicas veterotestamentárias ou documentos extra-bíblicos. Entretanto, são divergentes no primeiro e quarto tópico. Para a profecia cristã primitiva, o profeta é inspirado por Deus. Esse tem total iniciativa e pleno poder sobre a profecia; em conseqüência, o profeta cristão tem firmeza e clareza de seu anúncio, não permitindo uma leitura duvidosa⁴⁹⁷.

4.1.3

Apocalipse joanino: o entrecorte judeus e gregos

A comunidade⁴⁹⁸ joanina na sua aproximação com a cultura helênica, em particular, os convertidos ao cristianismo oriundos do paganismo, certamente, trata-se de uma atividade determinante para a constituição da identidade própria da ‘escola joanina’. De fato, o Apocalipse de João pertencente à tradição literária

⁴⁹⁶FORBES, C., *Prophecy and Inspired Speech in Early Christianity and its Hellenistic environment*, WUNT 75, Tübingen, J.C. B. Mohr, 1995, p. 188-217.

⁴⁹⁷BORING, M.E., Op. cit., p. 496 - 497.

⁴⁹⁸Escrevo o vocábulo comunidade no singular por questões pratica, embora sua compreensão deva ser coletiva, sobretudo, por ser composta de diversas igrejas pertencentes a ‘Tradição joanina’, (Ap 2-3).

joanina. As cartas destinadas às sete igrejas da Ásia Menor demonstram essa aproximação; aliás, a localização dessas igrejas é um dos dados históricos mais evidentes desse documento. Ele nos fornece, ao menos ocasionalmente, os tópicos finais nos quais a tradição literária ecoou⁴⁹⁹.

Contudo, as imagens aplicadas pela ‘escola joanina’ transcende os modelos de representação judaica ou grega. Por isso, é possível falarmos de uma salutar interseção desse ambiente no IV evangelho; nas cartas e no Apocalipse. A ‘escola joanina’ não se prendeu a nenhum esquema conceitual, seja do judaísmo, isto é, das primeiras comunidades, ou seja, dos novos conceitos inspirados no pensamento grego. Com isso, ela supera todos os esquemas de seu tempo⁵⁰⁰.

Embora o Apocalipse joanino esteja inserido no conjunto da ‘escola joanina’, o predomínio dos temas judaicos no texto se harmoniza perfeitamente com os acentos universalista do profeta (Ap 5,9-13; 7,3-12; 10,8-11; 21,3.24; 22,2). As interseções existentes do ‘Corpus Joaneu’ nas mais diversas áreas, na linguagem, na doutrina ou na exegese são evidentes indicações de que esses dois documentos assimilaram e identificaram-se com os elementos judeus e gregos, o que possibilitou uma perfeita integração dos gentios na dimensão salvífica⁵⁰¹.

O ambiente vivenciado pela comunidade do Apocalipse joanino deixa entrever uma abertura aos gentios, sem, contudo, perder sua identidade judaica, uma identidade originária ainda muito forte, pois impregnou a redação do IV evangelho. A menção da consumação de carne sacrificada e a tolerância com a falsa profetiza (Jezabel), Ap 2,14.20, demonstra a força judaica em vigor nas igrejas da Ásia Menor no fim do I século d.C. Por outro lado, a ruptura com a sinagoga é patente e a qualificação ‘sinagoga de satanás’ (Ap 2,9; 3,9) exprime a profunda hostilidade existente entre os membros da comunidade joanina e os judeus. Os anciãos das cartas e os profetas do Apocalipse joanino aparecem como principais referências da interseção, existentes no interior da comunidade joanina.

⁴⁹⁹DE BOER, M.c., *L'évangile de Jean et le christianisme juif (nazoréen), le déchirement. Juifs et chrétiens au premier siècle*, in MARGUERAT, D., (ed.), MB 32, Genève, 1996, p. 179-202.

⁵⁰⁰SMALLER, S.S., *John's Revelation and John's community*, **BJRL** 69, (1987), 549-511; SMITH, C.R., *The portrayal of the Church as the new Israel in the names and order of the tribes in Revelation 7,5-8*; **JSNT** 39, (1990). 111-119; BAUCKHAM, R., *The climax of prophecy: studies on the Book of Revelation*, Edinburgh, T&T Clark, 1993, p. 238-337; MEEKS, W.A., *The prophet-king. Moses traditions and the Johannique Christology*, **NTS** 14, (1967), 313-318; .

⁵⁰¹BLANCHETIÈRE, F., *Juifs et non-Juifs. Essai sur la diaspora en Asie-Mineure*, **RHPR** 54, (1974), 367-382; TREBILCO, P.R., *Jewish communities in Asia Minor*, **SNTSMS** 69, (1991), 8-19.

Essa rápida visão panorâmica da interseção, entre os judeus e gregos na ‘escola joanina’, implica, na realidade, os meandros pelos quais iremos adentrar ao averiguar o fenômeno profético cristão, em particular, a silhueta desse fenômeno no âmbito do Apocalipse joanino.

4.1.3.1

Apocalipse: προφητεία ou αποκάλυψις ?

Antes de adentrar nessa problemática, emerge a interpelação da natureza profética do Apocalipse⁵⁰². O problema deve ser visto na sua extensão máxima, pois o mesmo não pode ser entendido somente nos indícios literários (oráculos, imagens e expressões da profecia), mas em sua abrangência, ou seja, no âmbito profético neotestamentário. Aprofundar a origem deste escrito que se autodenomina como profecia escrita (Ap 22,7 “καὶ ἰδοὺ ἔρχομαι ταχύ. μακάριος ὁ τηρῶν τοὺς λόγους τῆς προφητείας τοῦ βιβλίου τούτου.”), inserido no ambiente judaico-helênico.

Para G. Friedrich, o profeta do Apocalipse joanino traz traços singulares em sua composição próxima dos parâmetros do profetismo judaico⁵⁰³. Não somente nesse aspecto, ele defende a idéia de que o Apocalipse seria a movimentação da profecia à apocalíptica⁵⁰⁴. Este último parecer necessita ser averiguado com mais profundidade, especificamente devido à linha limítrofe entre os dois contextos. Portanto, trata-se de uma distinção delicada e sutil de ser demarcada.

⁵⁰²ROSSEAU, F., *L'Apocalypse et le Milieu prophétique du Nouveau Testament*, Montreal, 1971, esp. 131-146; COTHENET, E., *L'Esprit de prophétie dans le 'corpus' johannique*, **DBSup VIII**, (1972), 1315-1331; FRIEDRICH, G., προφήτης, **GLNT** (Trad. It. di G. Kittel, **TWNT XI**, 567-652, esp. 629-631; HILL, D., *Prophecy and prophets in the Revelation of St. John*, **NTS 18**, (1971\72), 401-418;

⁵⁰³FRIEDRICH, G., Op. cit., p. 620: “Sotto questo profilo la figura che più è vicina al profetismo giudaico è il profeta dell'Apocalisse de Giovanni. Non si prende nemmeno in considerazione la possibilità di sottoporre a prova la veridicità delle sue affermazioni...Il veggente si attribuisce un'autorità che può essere paragonata solo a quella degli apostoli”; Entretanto, essa proposta foi duramente criticada por AUNE, D.E., Op. cit., p. 207-8.

⁵⁰⁴Ibid., p. 630: “L'Apocalypse de Giovanni constitue le trapasso dal profetismo all'apocalittica”. Neste tópico os trabalhos de RUSSEL, D.S., *The method e message of Jewish apocalyptic*, London, 1964; STURM, R.E., *Defining the word 'apocalyptic': a problem in Biblical criticism*, In J. Marcus and M.L. Marion, *Apocalyptic and the New Testament*, **JSNTSup 24**, (1989), 17-48; constata-se, ainda, o extenso e atualizado debate coordenado por HELLHOLM, D. (ed.), *Apocalypticism in the Mediterranean world and the Near East*, Tübingen, 1989.

O texto do Apocalipse se define como apocalíptico, na medida em que anuncia os diversos estágios da revelação e do fim do mundo, a destruição das potências adversas a Deus e ainda proclama a instauração do mundo novo. Além dessas imagens presentes no texto, outro traço tipicamente apocalíptico é conectado à função do ‘angelus interprets’, que desempenha o papel de mediador da Revelação, (contudo, não superior ao profeta (Ap 19,10; 22,9)). Por fim, detecta as visões difíceis, a linguagem enigmática e o texto escrito e lido em substituição do anúncio profético direto⁵⁰⁵.

O debate, em tal perspectiva, refletiu-se nos mais diversos autores, entre eles pode-se rapidamente salientar E. Cothenet, D. Hill; E. S. Fiorenza, e J. Fekkes III. Esses autores, a nosso ver, abordam a problemática.

E. Cothenet analisa o livro do Apocalipse: como uma profecia, porque assim se apresenta (Ap 1,3; 22,7.10.18.19); ao mesmo tempo, como profeta, porque o autor assim se autodenomina (Ap 22,9). Neste âmbito, constam elementos da linguagem apocalíptica⁵⁰⁶.

D. Hill defende a proposta de síntese, isto é, a linguagem apocalíptica seria uma roupagem do escrito, mas o seu conteúdo é profético. Assim, possibilita uma síntese entre aquilo que ele denomina o estilo e o imaginário, que, algumas vezes, pode ser identificado como apocalíptico ou como tradição teológica da fé e como proclamação profética⁵⁰⁷.

E.S. Fiorenza procura sustentar uma posição mais sintético-unitária, ao menos, mais dialética⁵⁰⁸; levanta-se em oposição a esta visão que distingue o

⁵⁰⁵FRIEDRICH, G., Op. cit., p. 630.

⁵⁰⁶COTHENET, E., *Prophétisme*, 1322: “*Le livre de l’Apocalypse se prèsent explicitement comme prophetie... On y décèle à la fois les caractères de la littérature apocalyptique, avec sés visions compliquées et l’évocation des temps, et ceux du message prophétique, avec les jugement de Dieu sur le sur temps present, l’appel à la conversion et l’exhortation à tenir bon dans l’épreuve.*”

⁵⁰⁷HILL, D., *Prophecy and prophets in the Revelation of St. John*, 406: “*There we may rest our case for the view that the author of the book of Revelation considered himself to be a prophet, and that his writing, while employing much of the traditional apparatus of Apocalyptic but lacking many of the most characteristic features of that genre, may justifiably, and probably correctly, be regarded as prophetic in intention and character, especially in its concern with and interpretation of history*”; Outro defensor dessa idéia foi FEUILLET, A., *L’Apocalypse: État de la Question*, Paris, 1963, 8: “*Ce qui fait l’originalité profonde de l’Apocalypse johannique, c’est que tout en utilisant le style, l’imagerie et les procédés de l’apocalyptique juive, elle demeure fidèle à ce qui fait le grandeur de l’ancienne prophétie*”.

⁵⁰⁸FIorenza E.S., *Apokalypsi and propheteia. The Book of Revelation in the Context of Early Christian prophecy*, In J. Lambrecht, *L’Apocalypse johannique et l’Apocalyptique dans le Nouveau Testament*, Leiden, 1989, 105-128, esp. 111-112.

elemento profético daquele apocalíptico, como se a linguagem apocalíptica fosse uma mera ‘vestimenta’ (Einkleidung).

Para a autora, o argumento clássico que divide uma e outra instância, porque as alusões ao profetismo do AT são evidentes e abundantes, não é consistente, nem definitivo: “*The allusions of Rev to the OT are an indications that Rev shares in the style and conviction of Apocalyptic literature*”⁵⁰⁹.

O contexto preciso sobre o qual se fundamenta a convicção apocalíptica do profeta João vem decididamente de sua concepção cristológica⁵¹⁰. Portanto, as proféticas visões e audições do Apocalipse não são predições de futuros eventos, ou mesmo cálculos acerca do fim dos tempos. A visão escatológica e a profecia apocalíptica estão a serviço do revigoreamento e consolo das comunidades, que experimentam momento de tribulação por causa do seu testemunho⁵¹¹.

E.S. Fiorenza conclui que assumir alternativa entre profético e apocalíptico, no âmbito do gênero e da estrutura do Apocalipse joanino, não se emprega de nenhum modo à obra do Vidente de Patmos.

Para J. Fekkes, mais recentemente na perspectiva de síntese, situa todo o debate dentro do ambiente da teologia profético-cristã, sobretudo, localizado no conjunto do discurso joanino do Apocalipse à comunidade primitiva. Em outras palavras, o Apocalipse joanino é um texto profético, de certa maneira, peculiar ao contexto apocalíptico cristão⁵¹².

Por fim, a descrição da profecia é marca característica do ‘autor-profeta’, pois, no início e no término de sua obra, isso é caracterizado (Ap 1,3; 22,7.10.18). Além disso, a abertura das perícopes do livro relembra inúmeras vezes as

⁵⁰⁹Ibid., p. 110.

⁵¹⁰Ibid., p. 111: “*Yet not so much John’s conviction that God intervenes on behalf of God’s people in history as proclaimed by the OT prophets, but rather his belief that the endtime has been inaugurated in the death and resurrection of Jesus Christ constitutes the heart and inspiration of his prophecy. John’s authority as a prophet is derived precisely from his apocalyptic conceived Christology*”; VANNI, U., *Dalla venuta dell’ora’ alla venuta di Cristo. La dimensione storico-cristologica dell’escatologia nell’Apocalisse*, In *Apocalisse*, Bolonga, 1988, 305-332; RUIZ, J-`P, *Ezekiel in the Apocalypse: the transformation of Prophetic language in Revelation 16,17-19,10*, Frankfurt, 1989.

⁵¹¹FIORENZA, E.S., Op. cit., p. 111: “*The scholarly alternative, either prophetic or apocalyptic, that is derived from the discussion of Jewish apocalyptic origins should not be applied to REvangelho as the ‘words of prophecy’ the book is rooted in early Christian apocalyptic experience and conviction. Apocalyptic language and imagery are not ‘Einkleidung’ but they are constitutive for the theological perspective and self-understanding of Rev as early Christian prophecy.*”

⁵¹²FEKKES III, J., *Isaiah and Prophetic tradition in the Book of Revelation*, **JSNTSup 93**, (1994), 37-39; AUNE, D.E., *The form and function of the proclamation to the Seven Churches (Rev 2-3)*, **NTS 36**, (1990), 182-204.

primeiras palavras dos livros proféticos do AT (Is 1,1; Am 3,7). Novamente, em Ap 10, 1-11, o ‘autor-profeta’ João é recebedor de um chamado profético. Desta vez, sua ‘investidura profética’ relembra a vocação de Ezequiel (Ez 2,8-3,3). De acordo com J. Comblin⁵¹³, o ‘autor-profeta’ João apresenta um renovado reconhecimento da profecia (se ‘palin’ é capaz de suportar este significado no v. 8): profecia relatada a todas as nações e inclui palavras de promessa e julgamento (Ap 10,7; 14.6s).

O ‘autor-profeta’ João, em sua ‘investidura profética’, consiste essencialmente na interpretação da história, mais particularmente, talvez, a interpretação do presente e futuro da história. Para A. Feuillet⁵¹⁴, “*lies in the fact that, whilst making use of the style, imagery and methods of Jewish apocalyptic, it remains faithful to that which craves the greatness of ancient prophecy*”. O ‘autor-profeta’ do Apocalipse joanino não se considera um profeta, contudo em seus escritos aplica e utiliza muitos dados da tradição profética veterotestamentária e neotestamentária, também entremeados por elementos secundários da literatura apocalíptica. Entretanto, o ‘autor-profeta’ manteve sua fidelidade a linha profética.

4.2

O contexto do profeta cristão no Novo Testamento

4.2.1

Os preâmbulos dos profetas cristãos

No itinerário literário do cristianismo primitivo, certo número de indivíduos é denominado profetas e profetisas. Em grego clássico, o termo ‘*prophêtês*’ não apresentava qualquer nexo obrigatório com a revelação; ao contrário, significava comumente ‘porta-voz’ ou ‘anunciador’. Outras vezes vinham designados os ministros particulares dos santuários dos oraculares, esses exerciam a função de comunicar aos que havia postulado um oráculo. Nesse ambiente, o termo assume o significado técnico de “*aquele que fala em nome da*

⁵¹³COMBLIN, J., *Cristo en el Apocalipsis*, Barcelona, Herder, 1969.

⁵¹⁴FEUILLET, A., *L’Apocalypse: État de la question*, Paris, Cerf, 1963, p. 8.

*divindade*⁵¹⁵, constatado assim até mesmo no âmbito greco-romano, isto é, pagão. O uso do termo nunca teve a significação de predição do futuro (o prefixo ‘Προ’, neste caso, indica adiante e não antes, em previsão), Outros termos expõem também o significado de “*alguém que fala em nome de Deus*”⁵¹⁶.

A aplicação desse termo no âmbito cristão permitiu apontar para o indivíduo que funciona como mediador da revelação, é um empréstimo do uso judaico (נביא), referido na tradução do LXX por ‘Προφήτης’. O uso cristão primitivo do título profeta diz respeito a um singular cristão, o que foi determinado, na sua origem, pelo contexto veterotestamentário predominante na descrição da função profética⁵¹⁷.

O lugar preciso dessa ‘atividade profética’, segundo D.E. Aune e outros, situam-se no culto, ou seja, o que indicaria existência de profetas ou aqueles que profetizaram no âmbito cristão. A partir dos textos, trata de uma exaustiva e difícil tarefa, pois não há uma descrição objetiva desse profeta.

O autor do Apocalipse emprega diversas vezes o termo ‘prophêtes’ no plural. (Ap 10, 7; 11,18). Esses textos indicariam uma realidade, na qual os profetas constituiriam um ‘grupo’ ou ‘escola’ bem definida, distinta dos santos e dos apóstolos? A resposta a essa interpelação é positiva, pois há uma distinção entre esse dois grupos; mais ainda, as referências do Apocalipse joanino vêm confirmar que os profetas ou ‘escolas de profetas’ eram indivíduos/grupos especializados em fazerem-se mediadores da revelação divina e não pessoas que profetizam ocasionalmente. Até os meados do I Séc.d.c., os profetas constituíam uma corporação bem distinta, inserida na comunidade cristã, formada por membros capazes de tornarem-se mediadores de um tipo particular de revelação no âmbito da assembléia cultural⁵¹⁸.

À guisa de conclusão, não é nosso objetivo trilhar toda a problemática envolvente do termo ‘prophêtes’ cristão. Aqui, apenas salientamos, muito

⁵¹⁵AUNE, D.E., Op. cit. 195.

⁵¹⁶Ibid., p. 195, nota 23: υποφειτής’ μαντις’ Θεομαντις’ Θεοπροτος

⁵¹⁷Ibid., p. 195, nota 23-24.

⁵¹⁸Neste aspecto, nota-se claramente a existência desses grupos em diversas tradições, como por exemplo: o ‘corpus paulino’- em particular, I Cor 12-14; em Atos dos Apóstolos e na ‘escola joanina’, mais propriamente no Apocalipse de João. Cf. AUNE, D. E., *Prophecy*, 204: “*The book of Acts presents a picture of the relationship between prophets and others church officials that is not essential dissimilar. The prophets serve as resources fo divinely authenticated information, but it is up to the authorities to ratify that information and to act upon it (At 15,28; 21,10-14)*”, nota 98, *sinaliza haver existência nos ambientes eclesiais de muita tensão* (Mt 7,15-23; 24,11; Mc 13,22; I Jo 4,1-2).

brevemente, alguns tópicos de nexos com o percurso histórico-literário testemunhado no conjunto neotestamentário e seu ambiente nascedouro. Outras discussões mereceriam ser destacadas, tais como: a dialética tensão entre os grupos, ou seja, a problemática ministerial, na qual são refletidas as tensões entre o ministério profético e apostólico; ou ainda, o ‘perfil’ do profeta no âmbito, o mesmo seria um membro fixo da comunidade ou estes seriam andarilhos, ou seja, anunciadores itinerantes.

Como se pode constatar trata-se de um amplo campo de pesquisas, que devem ser aprofundadas em temáticas próprias, o que não é o caso nesta tese. Entretanto, não se pode deixar de sinalizar o problema, ainda que sinteticamente. Assim, se é consciente da indispensabilidade desse tema, porém faremos de maneira explícita algumas vezes, ou outras vezes implicitamente as mesmas retornaram à discussão ‘a posteriori’.

Problemas e hipóteses permanecem em aberto, precisamente devido à amplitude existente de citações que revelam o rosto concreto destes ‘ministros’ do anúncio e da revelação divina de um lado; por outro, exprimem também a elaboração pré-meditada de um conceito de descrição fenomenológico.

4.2.2

Os Profetas cristãos primitivos

O termo *προφήτης* – significava o porta-voz ou anunciador. Nesse período, não havia qualquer ligação com a visão reveladora e muito menos é conectado a alguém que prediz o futuro. Esses elementos foram inseridos posteriormente pelo grego bíblico e na literatura protocristã e judaica. No contexto religioso, esse termo também não foi associado aos tantos modos possíveis para designar ‘aqueles que falam em nome de Deus’. O uso peculiar desse termo no cristianismo primitivo parece indicar que um homem ao transmitir uma revelação divina é reconhecido com um profeta, assim se liga ao uso corrente do judaico, no qual o termo *prophêtês* é equivalente a hebraico *nabi*’.

No judaísmo primitivo, o termo *prophêtês* foi raramente aplicado a um indivíduo que não fosse nem profeta do AT nem profeta escatológico. Já no cristianismo primitivo, a origem de ‘*prophêtês*’ implica no uso livre do termo,

para todos aqueles que assumissem ser um porta-voz inspirado por Deus (Ap 22,9). O autor do Ap usa diversas vezes o termo ‘prophêês’ ao plural, quando fala dos seus servos, os profetas e os santos (Ap 11,18); os profetas (Ap 16,6); santos, apóstolos e profetas (Ap 18,20); o sangue dos profetas e dos santos (Ap 18,24); o Senhor, Deus que inspira os profetas (Ap 22,6); os teus irmãos, os profetas (Ap 22,9)⁵¹⁹. Todas essas referências parecem indicar que os profetas constituam um grupo preciso de indivíduo, que se diferenciava dos outros grupos, tais como: os santos e apóstolos.

Pelas referências contidas no Ap, é possível constatar a função exercida por ele diante de um grupo de profetas. Ele seria o mestre dos profetas e, assim, transmitia as revelações à igreja, que está sob a sua jurisdição, através dos profetas locais (Ap 2,20-23);

Em síntese, podemos dizer que, no cristianismo primitivo, aqueles que foram chamados de profetas, eram indivíduos especializados em transmitir a revelação divina e não membros que profetizavam ocasionalmente. A idéia de profeta tem sua base imaginária nos profetas do AT e o termo usado para designar esse tipo de indivíduo é *προφήτης*.

Em I Cor 12-14, na metade do I século d.C, os profetas constituem um grupo peculiar ao interno da comunidade cristã, formado por indivíduos capazes de transmitir uma revelação no âmbito da assembléia.

Nos Atos dos Apóstolos, encontramos vários indícios do perfil profético cristão que testemunham a existência desse grupo nas primitivas comunidades cristãs da Palestina. Ao fim do I século d.C, na Ásia Menor Ocidental, João, o vidente, insere-se na linha de uma escola profética (provavelmente na qualidade de mestre dos profetas), cujos membros encontram-se atuando nas diversas comunidades cristã.

Neste período, ou seja, fim do I século d.C, na região da Sírio-Palestina (no Sitz im Leben da Didaque) e a cidade de Roma (no Sitz im Leben da composição de Pastor de Hermas), nestes dois documentos, constata-se que os profetas exerceram o seu ministério durante o culto. À luz desses testemunhos, é possível examinar três tipos de atividade profética cristã:

⁵¹⁹ELLIS, E.E., *Prophecy and Hermeneutic*, p. 23, erroneamente diz que, no Ap 1,9; 4,11; 12,10; 19,10; 22,9 – o termo *adelphos* significava sempre o mesmo que *prophêês*. Não há nada no Apocalipse de João que possa sustentar essa hipótese.

a) Profetas que profetizavam em grupo, isto é, ao interno da comunidade ou fora do culto cristão; b) Profetas que pertenciam a um grupo profético, mas que viviam em suas comunidades cristãs onde cada um exercia independentemente o próprio ministério; c) Profetas que atuavam regularmente de forma privativa ou no culto cristão⁵²⁰.

Nos tradicionais oráculos do mundo greco-romano, encontramos uma divisão nos profetas: a) a presença de indivíduos que praticavam a arte de adivinhação dentro de um lugar sagrado; b) por outro lado, existiam indivíduos que agiam livremente, para os quais os dons da adivinhação eram prerrogativas pessoais. Além disso, seus oráculos podem ser vistos em duas perspectivas: 1. os oráculos pedidos; 2. os oráculos espontâneos⁵²¹. Entre os profetas clássicos de Israel, podemos distinguir alguns tipos específicos, tais como: 1. o profeta da corte; 2. o profeta do templo; 3. o profeta independente.

Os diversos gêneros de profecia não parecem ter uma precisa co-relação com um tipo específico de profeta. Exceto o gênero da profecia da justiça, que é típico dos profetas independentes – isso devido a sua posição social. No primitivo judaísmo, encontramos uma diversidade de tipos de profecia: a) na literatura apocalíptica (produzida por indivíduos sujeitos às visões); b) a profecia escatológica (produzida por indivíduos ligados aos movimentos milenaristas); c) a profecia sacerdotal (em conexão com os grupos sacerdotais); d) a profecia sapiencial (associada à figura do homem santo e sábio ou à figura do verdadeiro filósofo).

No cristianismo primitivo, é tido, como uma seita do judaísmo palestinese, um judaísmo que, por muitos séculos, foi penetrado pela influência pagã, seja do Oriente ou do Ocidente. Na segunda metade do I século d.C, o cristianismo primitivo vai lentamente se afastando do judaísmo, pois inúmeros pagãos se convertem e seguem o cristianismo. Herdeiro de uma grande variedade de tradições, as oriundas do judaísmo ou do paganismo greco-romano. Porém, essas tradições não foram simplesmente assimiladas, mas sofreram um processo

⁵²⁰AUNE, E.D., *La profezia nel primo cristianesimo e il mondo mediterrâneo antico*, (trad. Ing. *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, Grand Rapids, Eeardmanns, 1983), Roma, Paideia, 1996, p. 350-420.

⁵²¹Ibid., p. 578.

de cristianização, já que eram inevitáveis os elementos das tradições proféticas da adivinhação e oráculos confluírem no profetismo cristão⁵²².

O modo mais trivial de distinguir, entre os vários tipos de profecia cristã, tem sido talvez o critério de individuar os componentes de origem israelítico-judaica e aquele de origem greco-romana, em particular, o elemento – estático – que se faz presente em algumas fases da profecia cristã, tal como o fenômeno da glossolalia, citado na carta I Coríntios, tida claramente como elemento de origem pagã⁵²³.

H. Bacht⁵²⁴ pressupõe que a profecia cristã foi superior à profecia greco-romana; desenvolve sua hipótese, destacando cinco características da inspiração profética do mundo greco-romano: 1. um estado de possessão divina; 2. o delírio mântico; 3. a dependência de meios artificiais para provocar a experiência profética; 4. o fato de o ser humano tomar a iniciativa freqüente com ajuda da magia; 5. o fato de que o conteúdo do discurso inspirado é ausente de valor religioso ou moral.

A crítica à teoria de H. Bacht, no que diz a profecia cristã, tem uma melhor análise, se considerada como uma instituição tipicamente cristã; nesse caso, cada tipologia de profetismo cristão deveria fundamentar-se em critérios internos e não em fenômenos externos. É necessário ainda dizer que o quadro proposto por H. Bacht é, em muitos aspectos, construído em cima de visões distorcidas e simplificadas do fenômeno que se queira descrever.

As inúmeras classificações da profecia e do profeta cristão que têm sido propostas sofrem de graves deficiências. A primeira hipótese que tomamos em consideração é a que distingue entre os profetas cuja mensagem divina é dirigida a todo Israel e os profetas que agem no seio da comunidade cristã. Uma segunda hipótese procura distinguir a profecia cristã da literatura apocalíptica: a profecia cristã seria representada pelo ministério profético do qual fala as cartas de Paulo, enquanto a profecia apocalíptica seria representada pelo autor do Apocalipse.

⁵²²Como por exemplo: Pastor de Hermas, no qual as tradições proféticas judaicas estão em pleno conflito com as tradições oraculares do mundo greco-romano.

⁵²³MÜLLER, U.B., *Prophetie und predigt*, p.31. *Confirma que os cap. 48-50 do testamento de Jó descreve os filhos de Jó falando na língua dos anjos.*

⁵²⁴BACHT, H., *Wahres und falches prophetentum*, 249. ‘ *Muitos dos argumentos de Bacht foram usados antes pelos padres da igreja contra a profecia greco-romana ou aquela praticada pelos heréticos.* ’

Uma terceira hipótese, direcionada ao conteúdo. Dessa forma, E. Cothenet⁵²⁵ propõe a hipótese na qual a profecia cristã apresenta aspectos fundamentais. A primeira das cinco características enunciadas por H. Bacht é válida também para o paganismo greco-romano, mesmo não sendo comportamento que viesse claramente reconhecido como tipos de fenômeno da possessão divina. Este primeiro ponto da hipótese de Bacht, porém, perde muito do seu significado, se considerar a possessão divina como pressuposto de todas as teorias antigas sobre adivinhações, seja greco-romana, judaica ou cristã.

4.2.2.1

Os profetas cristãos no Novo Testamento

As referências aos profetas do AT. nos textos neotestamentários não se restringem somente a esse ‘perfil’, pois outros ambientes têm demonstrado uma variedade enorme de imagens proféticas. Implícita ou explicitamente, designam os profetas do NT ou, ao menos, expõe traços característicos do ‘perfil’ profético, pelo seu modo de expressar ou de comportar-se⁵²⁶.

Apesar de todas as questões preliminares a uma definição, João Batista, no conjunto da literatura neotestamentária, é considerado e designado como profeta; os extratos da tradição evangélica também o definem como profeta. A descrição feita pelos evangelhos sinóticos o relaciona aos esquemas típicos de um profeta veterotestamentário⁵²⁷.

Dentro da imensa variedade cristológica do N.T., há poucas atribuições do título de profeta a Jesus de Nazaré. Parece que nem mesmo Jesus, na sua existência histórica, tenha se autodenominado profeta. Na maior parte dos textos, é o povo que vê em Jesus um profeta (Mc 6,15; 8,27; Mt 21,11.46; Lc 7,16; Jo 6,14; 7,40). Algumas vezes, trata-se de pessoas isoladas que o designam com esse

⁵²⁵COTHENET, E., *Prophétisme dans le Nouveau Testament*, in **DBSup VIII**, (1972), 1222-1227;

⁵²⁶FRIEDRICH, G., Op. cit., p. 583-587. Sobre a questão da profecia no âmbito da obra de Lucas-Atos, a excelente pesquisa de D.E. Aune, *Prophecy in Early Christianity and Ancient Mediterranean World*, Michigan, 1991, esp. 192; Cf. C. Forbes, *Prophecy and speech in Early Christianity and its Hellenistic environment*, **WUNT- 2. Reihe 75**, Tübingen, J.C. B. Mohr, 1995, em esp. 218-250, procura individualizar, como indica o próprio título, os aspectos da herança greco-helenística da linguagem neotestamentária dos fenômenos da glossolalia e do profetismo.

⁵²⁷Ibid., p. 587; MAZZAFERRI, F.D., *The genre of Book of Revelation from a source-critical perspective*, **ZNW 54**, (1989), 199-200; HILL, D., *New Testament prophecy*, esp. 43-47, aqui 43: “No survey of the prophetic phenomenon in the periods before and roughly contemporaneous with the New Testament could responsibility omit discussion of John Baptist..”

título: a samaritana (Jo 4,19); o cego de nascença (Jo 9,17); ou mesmo quem se posiciona contrário a esta concepção (Lc 7,39; Jo 7,52). Apesar do uso verbal de Προφητεύω não ser aplicado ao ‘perfil’ profético de Jesus, o conteúdo de seu discurso e das ações (sinais) sinaliza uma riqueza enorme de elementos proféticos⁵²⁸.

4.2.2.2

A familiaridade com os profetas do Antigo Testamento

Para G. Friedrich, a visão da chamada profética em Ap 1,9ss lembra as visões vocacionais dos profetas veterotestamentários, prodigiosas em gestos simbólicos, que lhe conferem uma particular autoridade. De fato, para ele, o autor do Apocalipse, enquanto figura ‘profética’, tem maior similaridade com o ‘perfil’ profético do AT, em comparação com os quais se configuram no NT⁵²⁹. Entretanto, podem-se sublinhar os traços peculiares da profecia cristã, distinguindo-a do AT:

1. A profecia, apesar de poder ser identificada com personagens singulares (João Batista e outros), não era limitada a poucos indivíduos, homens ou mulheres.

2. O profeta cristão exerce uma autoridade mais restrita. No judaísmo, o dom do Espírito implica aquele da profecia e pertence individualmente a um ‘tal’ profeta. O profeta cristão anuncia com autoridade, mas permanece sujeito ao juízo comunitário⁵³⁰.

Postos esses dois critérios fundamentais, é mister, agora confrontar com a delicada questão de uma definição de profeta cristão, pois seria criticamente ‘ingênuo’ tomar, como princípio, a concepção de ‘Cristo-profeta’, para delinear os modelos ou mesmo a causa da existência dos profetas cristãos na comunidade primitiva.

⁵²⁸FRIEDRICH, G., Op. cit., p. 599-616; Um estudo completo, neste campo: AUNE, D.E., *The prophetic role of Jesus, in Prophecy in Early Christianity*, p. 153-170 e *The prophecies of Jesus*, p. 171-188.

⁵²⁹Ibid., p. 619: “Essa non è un dono riservato a pochi eletti, mas può essere comunicata a chiunque, anche se in pratica rimane naturalmente limitato a un gruppo abbastanza fisso”.

⁵³⁰FRIEDRICH, G., Op. cit., p. 620 “Anche il profeta cristano annuncia con autorità la volontà di Dio, ma non è signore assoluto degli altri, bensì è a sua volta soggetto al giudizio. Egli non è al di sopra della comunità, ma esattamente come gli altri, è membro della comunità”.

4.2.3

Existe uma definição para o profeta cristão?

Respondemos a esta indagação através do estudo desenvolvido por D. Hill⁵³¹, no qual o mesmo se propõe a iniciar sua pesquisa a partir das noções anteriormente analisadas por M. E. Boring e D.E. Aune⁵³².

Anteriormente, de maneira sucinta, tivemos a oportunidade de explicitar o significado do termo ‘prophêts’ e seus derivados nos mais variados contextos literários, ao passo que, no entanto, apresenta-se insuficiente para alcançar uma ‘definição’ mais profunda do sentido do termo⁵³³.

D. Hill compreende definir o profeta a partir de seu contexto ‘funcional’. Dessa forma, o exercício de seu ‘ofício’ possibilita detectar os traços pertinentes de sua constituição na história⁵³⁴. Tomando os diversos textos que testemunham a presença ou mesmo a ação do profeta, importa estabelecer o que elas têm em comum e de peculiar com as outras funções ou ofícios relatados na literatura cristã primitiva. Com esse princípio norteador, o termo ‘prophêts’ pode ser empregado como uma categoria de trabalho, que ‘define’, na generalidade e diversidade, este fenômeno, mesmo quando o uso do termo não aparece explicitamente⁵³⁵.

A priori, essa definição ‘funcional’ do profeta cristão permite vislumbrar e apropriar-se de sua singularidade, enquanto esse se enquadra no exercício de seu ‘ofício’. Entretanto, permanece o questionamento sobre a abrangência dessa definição, ou seja, em que sentido este método é capaz de individuar a peculiaridade do fenômeno profético, enquanto instância cristã primitiva⁵³⁶. Em conformidade com a definição de M. E. Boring supracitada⁵³⁷.

⁵³¹HILL, D., *New Testament Prophecy*, Atlanta, 1979, 2-8.

⁵³²BORING, M.E., *What are we looking for? Toward a definition of the term ‘christian prophet’*, **SBLSP**, (1973), 142-154; AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and Ancient Mediterranean World*, Michigan, 1991.

⁵³³HILL, D., Op. cit., p. 2 “A world means what it comes to mean in an particular literary and historical context... understanding of prophecy on a analysis of those texts which it appers”.

⁵³⁴Ibid., p. 4 “A functional approach is the most appropriate for the study of the phenomena of Christian prophecy. A prophet is defined then in terms his essential function, the function which constitutes him a prophet”

⁵³⁵Ibid., p. 5 “This core-group should be analyzed in order to determine what function(s) they have in common and which differentiate them from others functionaries, i.e. which functions(s) constitute them as prophets. Finally, this prophetic function should then be describe and used as the working-definition, and whoever performs it should be considered a ‘prophet’ whether or not he bears the label in the sources, especially if some valid explanation can be offered for the absence of the specific term, as can be done in the case of rabbis, the Qumran community, and perhaps, the Fourth Gospel”.

⁵³⁶Ibid., p. 5 “even if Christian prophecy should prove to be unique in some features or manus, the definition should not be composed around the se features, unless it is they which constitute

Nessa definição, pode-se sublinhar a importância do termo ‘inspiração’. Ele é ‘*conditio sine qua non*’ para um profeta. Trata-se de uma normativa conexão com o desenrolar essencial do seu papel profético, que primordialmente é aquele de ‘mensageiro’. Nessa perspectiva, nota-se a diferença do místico, em particular pela circunstância a que é submetido, ou seja, Ele é impelido a proclamar a mensagem inspirada à comunidade⁵³⁸.

Outra linha de pesquisa, tão importante quanto a definição, refere-se à tensão dialética entre os termos profecia, entendida como inspiração imediata, ou seja, direta e tradição, que antecede e caracteriza o contexto mais amplo da profecia e na qual se reconhece muitas vezes a linguagem profética, ao menos em suas linhas de elaboração teológica⁵³⁹.

Alguns elementos próprios do cristianismo primitivo são configurados nesta definição. Entre eles, podemos sublinhar:

1. A crença no dom profético a toda a comunidade, como um evento escatológico, apresenta, como consequência, a ‘potencialidade profética’ de todos os cristãos⁵⁴⁰.

Christian prophecy as prophecy: unique features of Christian prophets are, in fact, linked to be what makes them Christian, not what make them prophets”; AUENE, D. E., Prophecy in Early Christianity and Ancient Mediterranean World, Michigan, 1991, 230 “Christian prophecy is most adequately treated if it is regarded as a distinctively Christian institution; if so, any typology of Christian prophetism should be based primarily in internal rather than external criteria”.

⁵³⁷BORING, M.E., Op. cit., p. 147 “O profeta é proclamador imediatamente inspirado pela divindade para uma comunidade particular...”; Cf. Hill, D., *The New Testament*, p. 5 “The definition is formal and functional; prophecy as such is not defined by its content, however much one way be able to identify common elements in the content of prophecies of an particular community”.

⁵³⁸Ibid., p. 148 “The message is not to or for the prophet himself. He is essentially messenger. He is different from the mystic...”; REILING, J., *Hermas*, p. 18 “Phenomenologically speaking, the prophet and the mystic are not in the same class. The prophet is fundamentally a proclaimer, a man with a message”.

⁵³⁹Ibid., p. 149; ele insiste que o profeta não exclui na comunicação da mensagem recebida a elaboração de tradições e reflexões do mesmo, que se tornam inseparáveis da mensagem (divina) inspirada a ser comunicada à comunidade. “The better way to state the point is in terms of the way traditional materials are used by prophetic and non-prophetic figures. The prophets presents all that he utters s a prophet as the immediately-inspired present address of the deity to the community. This message may well include material taken from tradition and the prophet’s own reflection, consciously or unconsciously, with or without re-interpretation, but it is not presented as material which a past authority once said, but as what the deity now says”; Cf. HILL, D., *The New Testament*, p. 6 não aceita essa posição; G. Friedrich, Profh, thj , **GLNT** (Trad. It. di G. Kittel, **TWNT**), XI, 69: “Ogni profezia poggia su rivelazioni (I Cor 14,30). Il profeta no dice ciò che ha imparato dalla tradizione o che ha approfondito personalmente, ma ciò che gli è rivelato...”

⁵⁴⁰HILL, D., Op. cit., p. 6; Cf. BORING, M.E., *What are we looking for*, p. 150, a definição de profeta, em sentido estrito inclui somente aqueles de ‘ofício’ na comunidade. “Our definition is intended to include only prophets in strict sense of the word”

2. O constante debate sobre ‘ação profética’ do Senhor Ressuscitado, nas diversas tradições das palavras ‘inspiradas’ de Jesus exaltado, como fonte de profecia ‘cristã’, em diferentes contextos da comunidade primitiva⁵⁴¹.
3. A compreensão do Cristo vivente (ou do Espírito Santo) como promotor da profecia, em todo o conjunto eclesial de todas as gerações, traduz-se não por meio da ‘inspiração’ imediata, mas na idéia de que a Palavra, ela mesma, ensina⁵⁴².

D. Hill, em sua conclusão da análise do profeta cristão, sempre tendo como base a pesquisa de M.E. Boring, propõe uma definição que exprime conseqüentemente todas as opções tomadas no perímetro desta temática⁵⁴³.

Em continuidade ao trabalho de M.E. Boring, no ano de 1974, D.E. Aune aprofunda e investiga o estudo sobre o profetismo cristão. Do confronto desses estudos, emerge uma ‘distinta’ definição⁵⁴⁴.

O dado principal de contraste e distinção dessas duas definições fundamenta-se, sobretudo, no uso do termo ‘*Christian individuals*’, que, para M.E. Boring, é inaceitável. D. Hill, ao contrário, enfatiza os pontos comuns de interseção entre as duas definições, fixa no aspecto da consciência pessoal de eleição do profeta, no exercício de seu ofício. O profeta é chamado a receber e comunicar uma mensagem divina⁵⁴⁵. Muito mais inclinada à proposição de Aune, pela sua amplidão, Hill desenvolve sua proposta de definição do profeta cristão⁵⁴⁶.

⁵⁴¹HILL, D., Op. cit., p. 6; Cf. BORING, M.E., *What are we looking for*, p. 150 “*The specific phenomenon of early Christian prophecy is to be distinguished from the general phenomenon of Risen Lord’s speaking through the tradition of this words... this general phenomenon must not be equated with, or confused with, Christian prophecy. A nuclear distinction must be maintained between the voice of the risen Lord which was generally heard in the whole diverse tradition of Jesus’ words, and the particular event of Christian prophecy as defined above*”. O fenômeno profético cristão se diferencia dos aspectos da vida e dos eventos ‘proféticos’ da comunidade primitiva.

⁵⁴²Ibid., p. 7; Cf. BORING, M.E., *What are we looking for*, p. 150.

⁵⁴³Ibid., p. 7 “*A Christian prophet is a Christian who function within the church as immediately-inspired spokesman for the exalted Jesus, who receives intelligible revelations which he is impelled to deliver to the Christian community*”.

⁵⁴⁴AUNE, D.E., **SBLSP**, (1974), Vol. II, p. 44. citado com muita imprecisão por D. Hill, *New Testament prophecy*, p. 214: “*The Christian, who function in the prophetic role (wheter regulary, occasionally or temporarily) believes that he receives divine revelations in propositinal form while he customarily in oral or written form to Christian individuals and or groups*”.

⁵⁴⁵HILL, D., Op. cit., p. 8, cita J. Limdbloom, *Prophecy in Ancient Israel*, Oxford, 1962, p. 6 “*A prophet knows that the he has never chose his way himself: he has been chosen by the deity*”.

⁵⁴⁶Ibid., p. 8-9: “*A Cristian prophets is an Christian who function within the Church, occasionally or regulary, as a divinily called inspired speaker who receives intelligible and authoritative*

4.2.4

O termo Προφήτης no ambiente do Novo Testamento

O termo ‘προφήτης’ ocorre 144 vezes no NT. A noção de profeta no NT equivale àquela de um mensageiro bíblico do anúncio divino e inspirado⁵⁴⁷. Assim, nota-se que a missão do profeta, como visionário do futuro, tem apenas um aspecto secundário na concepção do termo.

O verbo Προφητεύω incide 28 vezes (10 vezes em Paulo, quase sempre referindo-se aos profetas do AT), comporta uma variedade de sentidos: em sentido amplo – o anúncio da revelação comunicada ao profeta, uma mensagem divina (I Cor 11,4s; 13,9; 14,4s.39) – o verbo é traduzido no sentido de predizer o futuro (Mt 7,6; 15,7; 11,13; I Pd 1,10; Jd 14; Lc 1,67; Jo 11,51); o sentido de revelar a enigmática realidade com palavras proféticas (Mc 14,65; Mt 26,68; Lc 22,64); por fim, o sentido ético-parenético (I Cor 14,3.31; Ap 11,3.10; At 19,6). Para Friedrich, deve ser considerada, sobretudo, a acepção mais ampla do verbo, ou seja, anúncio da revelação⁵⁴⁸.

A forma abstrata Προφητεία ocorre 19 vezes no NT. (7 vezes no Apocalipse). No entanto, essa forma recorre a diversos aspectos compreensivos: 1. o carisma do anúncio profético dado por Deus à comunidade através do Espírito⁵⁴⁹; 2. é o oráculo do profeta, muitas vezes, entendido como o significado particular da predição, principalmente no Apocalipse de João⁵⁵⁰.

revelations or messages which he is impelled to deliver publicly, in oral or written form, to Christian individuals and or the Christian community”.

⁵⁴⁷FRIEDRICH, G., Προφήτης, in **GLNT** (Trad. It. di G. Kittel, **TWNT**), XI, 567: “In complesso il NT. per profeta intende il messaggio biblico dell’annunzio divino e ispirato”.

⁵⁴⁸FRIEDRICH, G., Op. cit., p. 570: “Probabilmente però va tradotto secondo l’accezione più generale: in quanto *profeta annunziare la rivelazione di Dio*”.

⁵⁴⁹FRIEDRICH, G., Op. cit., p. 570: “Il carisma dell’annunzio profetico donato da Dio alla primitiva comunità cristiana mediante lo Spirito (I Cor 12,10; 13,2; Rom 12,6 – ‘propheteia’ viene definita come carisma).

⁵⁵⁰Ap 19,10; 22,7.10.18s; Cf. FRIEDRICH, G., Op. cit., p. 570: “questa accezione di προφητεία s’incontra prevalentemente nell’Apocalisse di Giovanni. In Ap 1,3 προφητεία può essere tradotto direttamente con libro delle predizioni...”

4.2.5

As funções do discurso profético

O significado óbvio da ‘função’ é a atividade característica do profeta cristão primitivo pode ser definido em termos de funções amplas e intensas. Nesta linha de pesquisa, D. Hill define o profeta como indivíduo que transmite aquilo que afirma ser mensagem inspirada por Deus, em forma oral ou escrita, dirigida a um grupo particular de cristãos ou um cristão particularmente, que se dá comumente num contexto cultural. Essa definição não exprime a real função do profeta, uma vez que estão ausentes alguns elementos característicos de sua função no conjunto dos textos e contextos do NT.

Outro ponto que se tem acentuado sobre o profeta cristão e a profecia está relacionado ao seu exercício ou tarefa de edificar, exortar, consolar os cristãos. Muitas vezes, indo além dessa perspectiva, os profetas são vistos como homens que anunciam o Plano de Deus ao mundo e àqueles que estão no mundo e, neste contexto, eles pré-dizem acontecimentos futuros, os quais implicitamente são demonstrados em suas visões.

Várias questões emergiram desse parecer. Por que o fenômeno da profecia foi difundido com essas características no cristianismo primitivo? Quais as relações existentes entre as várias categorias funcionais presentes nos textos neotestamentários, como por exemplo: ‘evangelista’; ‘mestre’; ‘apóstolo’ e ‘profeta’? Se a síntese de sua atividade é substancialmente correta, porque os profetas cristãos concentraram, em grande parte dos seus esforços sobre a exortação, o encorajamento na reprovação à injustiça e sobre a consolação (ainda mais, pouco se fala, para não dizer quase nunca, das funções sociais dos profetas cristãos).

A análise sociológica do cristianismo primitivo é muito recente. Ela ainda não produziu, para os textos neotestamentários, argumentos que contribuíssem nesta linha; porém, no campo veterotestamentário, já se tem algumas importantes contribuições na valorização da função social do profeta clássico de Israel.

A função social do profeta não pode ser valorizada adequadamente sem uma verdadeira reflexão sobre o problema dos estados alterados da consciência. Esse pressuposto nos conecta concretamente com a profecia clássica de Israel e o

problema ‘estados de consciência alterados’. Essa expressão foi usada pelos antropólogos contemporâneos para descrever um horizonte amplo dos fenômenos psicológicos: possessão, transe, êxtase, e outros.

É opinião comum que, no cristianismo primitivo, todos os cristãos fossem potencialmente, se não de fato, profetas⁵⁵¹. Se for possível distinguir entre os profetas, ou seja, aqueles que são chamados como tais, profetizando com certa regularidade, e os cristãos que profetizam uma vez ou outra, isto é, indivíduo comum que profetiza durante a assembleia⁵⁵².

4.3

A profecia cristã no âmbito do Apocalipse joanino

4.3.1

Qual a originalidade da profecia cristã joanina?

Em linhas gerais, o Apocalipse joanino se assemelha à tradição profética vetero-testamentária (Am 1,1; Jr 1,1; Ez 1,1), pois já de início (Ap 1,1-3 *Αποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ ἣν ἔδωκεν αὐτῷ ὁ θεὸς δεῖξαι τοῖς δούλοις αὐτοῦ ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει, καὶ ἐσήμανεν ἀποστείλλας διὰ τοῦ ἀγγέλου αὐτοῦ τῷ δούλῳ αὐτοῦ Ἰωάννῃ,* ² ὃς ἐμαρτύρησεν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ Χριστοῦ ὅσα εἶδεν. ³ μακάριος ὁ ἀναγινώσκων καὶ οἱ ἀκούοντες τοὺς λόγους τῆς προφητείας καὶ τηροῦντες τὰ ἐν αὐτῇ γεγραμμένα, ὁ γὰρ καιρὸς ἐγγύς.) apresenta fortes indícios proféticos.

A expressão *τοῖς δούλοις αὐτοῦ* – ‘aos seus servos’, ao denominá-los de ‘servos’, indica a existência de uma função profética: ser mensageiro e enviado a dar testemunho (Jo 15,27). Os termos *Αποκάλυψις*, *προφητείας*, *μαρτυρία* presentes em Ap 1,1-3 não devem ser assumidos em contexto literal como se desenvolve em Ap 11,1-13, no qual *προφητεία* -*μαρτυρία* são descritos literariamente. Entretanto, o ‘autor-profeta’ compõe, desde o início, seu itinerário literário através da Palavra-Testemunho-Espírito-Profeta-Profecia.

⁵⁵¹GRAFT. H., *Offenbarung p. 21.38*; HILL, D., *Prophecy and prophets in the Revelation of the St. John*, in NTS 18, 1972, 414.

⁵⁵²COTHENET É., *Lê prophètes Chrétiens come exegetes, 78-101*; PERROT, C. *Prophètes et profétisme dans le Nouveau Testament*, in *Lumière et Vie* 22, 1973, 25-39, esp. 21. Aqui o autor propõe distinguir três tipos de profetas – o profeta individual, o grupo de profetas e aqueles que profetizam ocasionalmente na comunidade.

τὸν λόγον τοῦ θεοῦ - A palavra de Deus - é uma expressão técnica da experiência profética. Conforme Ap 1,19 *γράφουν οὖν ἃ εἶδες καὶ ἃ εἰσὶν καὶ ἃ μέλλει γενέσθαι μετὰ ταῦτα.*; ou ainda Ap 4,1 *Μετὰ ταῦτα εἶδὸν* Esses termos sinalizam o sentido profético.

O verbo ἀκούω aparece 998 vezes no AT, destas um terço ocorre nos livros proféticos. Trata-se de um verbo típico da profecia (Os 4,1). O profeta assume a função de intermediário, ou seja, elo de comunicação entre Deus e a humanidade, sendo toda a iniciativa pertencente a Deus (Is 6; Jr 1; Ez 1-3; Am 7,14-15). O profeta é o primeiro ouvinte da Palavra.

A interação entre o leitor e o texto estabelece uma co-relação; no caso do Apocalipse joanino, o leitor\ouvinte ocupa a função de profeta. Aqueles que ouvem e guardam têm o significado de compreensão da profecia. No âmbito do Apocalipse joanino, a profecia se configura por escrito, tornando-se assim, uma característica original do Apocalipse joanino, mas, sobretudo, devido ao emprego comum da profecia oral no seu tempo.

O imperativo ‘γράφον’ do Apocalipse reporta-se, quase na totalidade, ao contexto profético, agregado freqüentemente a uma Boa Notícia ou a uma confirmação da veracidade da profecia⁵⁵³. A comparação entre expressão τὰ ἐν αὐτῇ γεγραμμένα e ὁ γράψας ταῦτα (Jo 21,24) corresponde ao que se refere à escritura do livros, e seu destino à leitura litúrgica pública, ainda que somente o Apocalipse seja explícito na menção do leitor. Naquilo que se refere à escritura como tradição-testemunho, a co-relação entre o Apocalipse joanino e o IV Evangelho são ambíguas, Difere, contudo, porque o Apocalipse, pela sua forma incisiva, estabelece o seu caráter de profecia como testemunho entrelaçado aos dois pontos do escrito, isto é, logo no início (Ap 1,1-3) e no final (Ap 22,18-19).

O termo ‘martyria’ normalmente relaciona-se ao contexto conflituoso; mais ainda, à violência profunda, caracterizada por perseguição e morte. Não se pode abrandar a vivência do ‘testemunho’, ou seja, um posicionar passivamente diante dos fatos, mas, ao contrário, é fruto de sua constante atividade profética⁵⁵⁴.

Ἐγὼ Ἰωάννης, ὁ ἀδελφὸς ὑμῶν καὶ συγκοινωνὸς (Ap 1,9) Com uma descrição familiar e comunitária – irmãos e companheiros , o ‘autor-profeta’ se

⁵⁵³Ap 1,3 o termo γεγράμμε no passivo, confirma essa interpretação.

⁵⁵⁴REDDISH, M., *Martyr Christology in the Apocalypse*, JSNT 33, (1988) 86; PAINTER, J. *Quest and reflection stories in John*, JSNT 36, (1989), 17-46.

comunica com as comunidades (Ap 1,4), sem se autodenominar profeta, pois a sua principal função é de mediador; ele a exerce através de seu escrito.

4.3.2

A característica da profecia cristã no Apocalipse Joanino

A defesa da característica profética do Apocalipse joanino, como um todo, é sinalizada na tese em diversos pontos (Ap 1,3; 11,11; 19 2; 8,12; 14, 14.13; 21,5; 22,18s), bem como se pode incluir as cartas. Mas, dentro desse arcabouço profético, é possível ainda sublinhar outras formas que caracterizariam o modelo profético do livro; dentre elas, pode-se verificar a freqüente repetição; suas ocorrências em pontos-chave do livro; sua aproximação e semelhança com a forma profética do AT., ou até mesmo sua particular apropriação da função profética pré-estabelecida desde o início do livro⁵⁵⁵.

a) Forma. Segundo W.C. van Unnik, Ap 1,19 (o que você vê, o que é e o que acontecerá) contém a descrição da profecia. D. Hill alude à importância da audição. Essa alusão é fundamentada na experiência profética do AT. Formula-o ‘eu ouvi’ – ‘ekousa’, ocorrem vinte sete vezes, referindo-se à recepção da revelação profética, embora o mais indicativo do discurso profético seja o chamado a ouvir com atenção a mensagem a ser revelada. Outra forma característica do discurso profético é sua mensagem-fórmula: as palavras de- $\tau\acute{\alpha}\delta\epsilon \lambda\acute{\epsilon}\gamma\epsilon\iota \tau\acute{o} \pi\nu\epsilon\upsilon\mu\alpha \tau\acute{o} \acute{\alpha}\gamma\iota\omicron\nu$ (At 21,11). A versão grega da LXX ‘Diz o Senhor’. Para P. S. Minear, o ‘autor-profeta’ João empregou essa fórmula-mensagem do AT em sua obra. Os profetas do AT estabeleceram tal fórmula com apropriada introdução de Deus, dirigindo-se ao seu povo⁵⁵⁶.

O termo ‘doulos’ aplicado aos profetas cristãos (Ap 1,1;10,7) tem sua raiz nos profetas do AT, que foram chamados de servos (LXX ‘douloi’). Em Ap 11,18, indica que a igreja-profeta parece ser distinguível de outros membros (os santos), como em Ap 18,24. Do que foi expresso acima, resta-nos ainda aprofundar outras palavras ou frases conectadas à profecia do Apocalipse joanino:

⁵⁵⁵HILL, D., Op. cit. p. 76: “...within this formal features, appear to be characteristic of the prophetic mode of speech by reason of their frequent repetition, their occurrence at key points in the book, their similarity to Old Testament prophetic forms, or their particular appropriateness to the prophetic function as it has been defined in the first chapter of this book”.

⁵⁵⁶MINEAR, P.S., *I saw a New Earth*, Washington, Corpus Book, 1968, p. 43.

‘Λογος’ e ‘Λογος του Θεου’⁵⁵⁷, e testemunho de complexos termos (martyria, martyreo e martys)⁵⁵⁸.

Avançando um pouco mais na extensão formal dos elementos, nota-se que o Apocalipse joanino emprega outros elementos característicos do gênero profético em seu livro, dentre eles, pode-se ressaltar o discurso na primeira pessoa do singular para Deus. Esse modelo foi aplicado no Oriente Próximo onde o mensageiro, submergindo do seu próprio eu, fala como se estivesse proclamando sua mensagem a outro. Esta fórmula foi adaptada pelos profetas do AT para designar uma proclamação/escrito de revelação.

Além disso, há a característica narrativa do Apocalipse joanino, na visão do trono-teofania, que inaugura a iniciativa profética, embora não haja nada de indicativo sobre a ‘investidura profética’ do autor nesta fase. No entanto, em Ap 10 são evidentes os traços de sua vocação profética. A visão do primeiro capítulo (Ap 1,1s) não deve ser necessariamente uma ‘descrição’ da experiência que o constitui como profeta. Não obstante fundamentada em duas passagens (Ap 10,8-11; 1,10-20) e, em particular, na expressão ‘e foi em espírito’, permitimo-nos afirmar que a conservação da recepção e ‘re-narrar’ de cenas dos chamados é um elemento característico da atividade e da experiência profética cristã.

b) O conteúdo. Em sua proclamação, a profecia cristã é o veículo significativo do julgamento divino incisivo sobre a vida da comunidade: a) o convite à conversão; b) exortação e encorajamento aos fiéis.

A profecia cristã não só é proclamada ‘para o interior da comunidade’; como também se dirige à história redentora. A mensagem profética é fundada sobre a ação decisiva de Deus, em Jesus Cristo: o evento crístico é fonte de confiança dos profetas no poder e vitória de Deus, no tempo presente e no curto período de tempo restante, quando a soberania divina será completa⁵⁵⁹.

⁵⁵⁷HILL, D., Op. cit., p. 79: “The word ‘logos’ can bear the sense of an oracular or revelatory utterance in secular Greek the LXX and in the New Testament, and it is a striking fact that all the occurrences of the term (in the singular or the plural) in the Revelation are probably related to Christian prophecy: indeed, logos\logoi are specifically described as ‘propheteia’ in 1,3;22, 7. 9-10; 18,19.”

⁵⁵⁸Ibid., p. 81: “The ‘martyria’ Iesou is indistinguishable from the contents of the book – the revelation of Jesus Christ which witnesses to the purpose of God (‘the word God), and ‘those who have the martyria Iesou describes the body of faithful Christian whose attestation and confirmation of Jesus’ witness will eventually, in the circumstances envisaged, bring about persecution and death”

⁵⁵⁹Ibid., p. 86: “The interest in the prophetic portrayal of eschatological events (which are regarded as rapidly approaching) is really their significance for John’s own time: he offers no

4.3.3

A profecia cristã e o Espírito da profecia

Neste tópico conclusivo, apoiar-nos-emos no trabalho desenvolvido por P.P.A. Santos⁵⁶⁰, por se tratar de um magnífico estudo da característica da profecia no apocalipse joanino. Passaremos em revista os principais pontos de seu estudo.

Através de alguns aspectos da pneumatologia do Apocalipse, como o ‘autor-profeta’, João, em sua visão inaugural, Ap 1,10 *ἐγενόμην ἐν πνεύματι ἐν τῇ κυριακῇ ἡμέρᾳ καὶ ἤκουσα ὀπίσω μου φωνὴν μεγάλην ὡς σάλπιγγος.*, é tomado pelo Espírito, isto é, com uma autoridade particular, de ungido e investido divino.

Por esse viés, pode-se entrar na problemática da esfera da autoridade do ‘autor-profeta’ João, mas, sobretudo, partindo da afirmação de G. Friedrich, que salienta a singularidade do tipo profético de João em comparação com as outras tradições do NT. No entanto, entre as posições favoráveis e contrárias, se chega à conclusão de que a obra ‘autor-profeta’ João pertence ao conjunto dos profetas cristãos do NT, principalmente por assimilar e prolongar as características da profecia veterotestamentária.

J. Fekkes⁵⁶¹ compreende o ‘autor-profeta’ João, inserido no âmbito da profecia primitiva, como um típico profeta judeu-cristão. Embora possua uma peculiaridade em sua originalidade, pensa-se, em geral, que a autoridade profética do Apocalipse joanino detém os elementos básicos do Querigma primitivo Cristológico e, sobretudo, da escatologia, plena da expectativa de ‘parusia’ daqueles dias⁵⁶².

O aspecto litúrgico tem sido constantemente refletido no âmbito do Apocalipse joanino. Portanto, a expressão ‘profecia cültica’ não é uma expressão equivocada; ao contrário, ela permite distinguir: por um lado, o ‘habitat’ natural

review of past history; he is not concerned with predicting events in the near or distant future, but with addressing a church presently involved in a situation of stress and oppression: consequently the message is not speculative”.

⁵⁶⁰SANTOS, P.P.A., *Do Espírito da verdade ao Espírito da profecia: o Espírito Santo em contato direto com a vida eclesial no âmbito do movimento joanino*; Rama; PUG, 1997, 408-450.

⁵⁶¹FEKKES, J., OP. CIT., p.57.

⁵⁶²FEKKES, J., OP. CIT., p. 58: “*He is not part of a prophetic circle, but stands in a prophetic continuum which carries on and brings to final revelation the living words of God entrusted to the care of the brotherhood (Ap 10,7). The presupposition of continuity is supremely Christological; for the testimony of Jesus is the spirit of prophecy (Ap 19,10)*”.

dos profetas: a assembléia comunitária; por outro lado, e nos parece intrínseco, os evidentes traços litúrgicos presentes na estrutura da profecia apocalíptica⁵⁶³.

As fontes literárias do termo ‘τὸ πνεῦμα τῆς προφητείας.’ Sua exposição se concentra nos trabalhos R. P. Menzies⁵⁶⁴ e M. Turner⁵⁶⁵. O primeiro dedica-se ao aspecto da pneumatologia cristã primitiva, a partir do ambiente do tardio judaísmo; seu trabalho contribuiu na compreensão dessa temática no contexto do Apocalipse joanino. De acordo com esse pesquisador, dispomos de quatro grupos das fontes literárias de ‘o espírito da profecia’: a literatura da Diáspora; a literatura Palestina; a literatura de Qumrân e a literatura Rabínica. O segundo autor discorda fundamentalmente do processo metodológico adotado por Menzies: em particular, por restringir o conceito do ‘Espírito da profecia’, não distinguindo do seu alcance mais amplo, pois esquece de expor esse termo com as diversas fontes, numa comparação entre os dons e atividades ‘carismáticas’ de profetas, de sábios e do Messias, até mesmo onde o termo não ocorre.

P.P.A. Santos⁵⁶⁶, depois de percorrer, com propriedade, toda a problemática que envolve o binômio πνεῦμα e προφητεία no vasto campo literário, passa ao segundo tópico, em particular, mais específico do contexto histórico-literário da exegese, isto é, dedica-se ao exame minucioso do texto Ap 19, 9-10. Primeiro, trata de um termo único no contexto do âmbito joanino, mas que se reflete, pelo seu caráter similar ao contexto do IV Evangelho, ‘O Espírito da verdade’, embora se possa dizer que essa unidade proclama ‘profeticamente’ a vitória de Deus e do Cordeiro contra as forças do mal⁵⁶⁷.

Dentro desse contexto do ‘Espírito da profecia’ joanino, é possível detectar alguns elementos característicos proféticos do ‘autor-profeta’.

⁵⁶³Ibid., p. 52: “The natural habitat of the early Christian prophet was the gathered community. And this is no exception in John’s case. The influence of early Christian worship on John’s thought is evidence throughout his book, which is saturated with hymnic and liturgical elements”.

⁵⁶⁴MENZIES, R. P., *The development of Early Christian Pneumatology. With special reference to Luke-Acts*, JSNTSup 54, (1991), 52-113.

⁵⁶⁵TURNER, M. *Power from on High. The Spirit in Israel’s Restoration and Witness in Luke-Acts*, Sheffield, 1996, 87-104; Sobre o ‘fim’ da profecia no judaísmo tardio, LEVISON, J. R. *Did the Spirit withdraw from Israel? An evaluation of Earliest Jewish Data*, NTS 43, (1997), 35-57.

⁵⁶⁶SANTOS, P.P.A., *Do espírito da verdade ao espírito da profecia: o Espírito Santo em contato direto com a vida eclesial no âmbito do movimento joanino*, Roma, PUG, 1997.

⁵⁶⁷VANNI, U., *Apocalisse*, p. 119: “Ciò viene indicato dal contesto liturgico immediato e più generalmente, dall’uso di ἰησοῦς senza altri appellativi nell’Apocalisse. Esso ricorre abinatamente spesso a ‘martiria’ – testimonianza (1,9; 12,17; 17,6; 19,10; 20,4). Tale testimonianza è attribuita solennemente a ‘Gesù Cristo’ (1,2-5) e ha il valore di testimonianza resa da Gesù Cristo in quanto interprete della parola di Dio. Ma tale testimonianza si trova poi nei cristiani”.

O primeiro momento demonstra que o ‘autor-profeta’ tem um propósito bem determinado ao compor sua obra, pois nela está implicada a concepção da profecia como um viés literário, uma missão que envolve um escrito.

O segundo momento trata do ministério profético do autor-profeta e seu produto. Um livro que resulta da familiaridade com a profecia bíblica, como literatura profética, como profecia escrita. Neste sentido, Ap 10,8-10 (Cf. Ez 2,3-3,3) serve de imagem da sua própria realização, ou seja, a reutilização do material proveniente da literatura profética no característico livro da profecia.

Após esse exaustivo percurso da relação entre o ‘espírito e a profecia’, passaremos em revista dois recentes artigos dos autores E.S. Fiorenza⁵⁶⁸ e Markos Jauhainen⁵⁶⁹.

Logo no início de sua exposição, a autora sublinha as dificuldades das pesquisas neste campo, dentre elas, destacam-se: primeiro, as poucas fontes existentes que possibilitem uma comparação; em segundo lugar, o problema metodológico na compreensão da profecia cristã primitiva. Mesmo que o Apocalipse joanino se autodenomine ‘palavras de profecia’, esse se diferencia abruptamente da concepção do AT, do apocalipticismo judaico e da tradição paulina.

Embora nos mais diversos centros de pesquisas pareçam existir uma uniformidade na pesquisa, esses centros examinam o livro do Apocalipse, a partir dos indícios históricos e de seus modelos teológicos. Além disso, enxerga no Apocalipse joanino uma importante fonte histórica para se compreender a profecia cristã primitiva.

O primeiro problema consiste na dificuldade de se estabelecer um modelo teológico da profecia, pois se sabe que a definição da teologia é entendida como um discurso direto; então, a profecia é um termo teológico. Assim, espera-se justificar a sistematização do autor-profeta em sua composição sobre a/os profecia/profetas, permitindo descrever e traçar o ‘modelo’ de uma construção narrativa do universo profético do Apocalipse joanino.

O Apocalipse joanino constantemente afirma ser e estar dentro da esfera profética, visto que, em seu prólogo, sustenta claramente ser as ‘Palavras da

⁵⁶⁸ FIORENZA, E.S., *The words of Prophecy: reading the Apocalypse theologically*, In MOYISE, S. (ed.), *Studies in the Book of Revelation*, T & T Clark, Edinburgh, 2001, p. 1-19.

⁵⁶⁹ JAUHAINEN, M., Αποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ (Ap 1,1): *The climax of John’s prophecy?* *Tynbul* 54, (2003), 99-117.

profecia’ dadas ao ‘autor-profeta’ (João) pela mediação do anjo. Neste sentido, tem-se uma grande aproximação com os livros proféticos do AT, mais especificamente com o texto de Amós (Am 1,1-2). Da mesma forma, o autor-profeta introduz seu escrito (Ap 1,1-3).

Cuidadosamente, o ‘autor-profeta’ elabora sua composição dentro da estrutura característica de uma obra profética; essa função ganha ênfase na abertura das sete cartas direcionadas às comunidades cristãs da Ásia Menor. Toda a sua maestria, ao compor o prólogo, reflete-se gradativamente em toda a obra (Ap 1,11.19). Isso deixa evidente e indica que o Autor-profeta assegura sua intenção de escrever uma obra literária dentro dos padrões da profecia. Portanto, o título ‘apocalipse’ se confirma e solidifica com a autoridade inserida no canal de comunicação, o que permite definir o escrito em duas perspectivas: como ‘revelação’ – Apocalipse de Jesus Cristo — e como as ‘Palavras da profecia’⁵⁷⁰.

Outra distinção possível, em comparação aos apocalipses judaicos e cristãos, se deve, em particular, à mudança de foco, pois, no Apocalipse joanino, não se afirma a autoridade de João no escrito, mas precisa a autoridade de Jesus Cristo (Gl 12,1s; I Cor 14). Assim, as ‘Palavras de profecia’ insere-se no contexto e conecta a promessa do julgamento escatológico e salvação como iminentes — *‘the last time is at hand’* — o que tem ocorrido de acordo com os desígnios de Deus, revelado aos profetas. A expressão ‘δούλος’ possibilita caracterizar todos os cristãos, no ambiente do apocalipse joanino; parece provável indicar os profetas cristãos. Deus se revela por meio dos seus servos os profetas. Nesse sentido, estabelece dois eixos fundamentais: 1.a autoridade do ‘autor-profeta’ e seu escrito vêm de Deus e Jesus Cristo; 2. as ‘Palavras da profecia’ são comunicadas através dos anjos⁵⁷¹, esse transmite ao ‘autor-profeta’ (João).

A primeira parte do prólogo encerra com um ‘μακαριον’ - felizes bem-aventurados àqueles que lêem e ouvem as ‘Palavras da profecia’. Essa benção

⁵⁷⁰ FIORENZA, E.S., *The Words of Prophecy: Reading the Apocalypse theologically*, In MOYISE, S., *Studies in the Book Apocalypse*, Edinburgh, T & T Clark, 2001.p. 01 – 19, em esp. p. 07 “*The popular appellation ‘Revelation\Apocalypse of John’ was added only later when the book was accepted into the canon. It seems to be derived from the first three verses and probably formulated in analogy to the titles of other Jewish and Christian apocalypses which were attributed to great figures of the past, such as Abraham, Ezra, Baruch, or Peter*”; RICHARD, P., *Apocalypse: A people’s commentary on the Book of Revelation*, Maryknoll, Orbis Books, 1995, p. 26

⁵⁷¹ CARRELL, P., *Jesus and the angels: angeology and the Christology of the Apocalypse of John*, Cambridge, Cambridge, 1997.

ênfatisa o caráter retórico-profético do Apocalipse joanino, como fundamentalmente composto para ser narrado na assembléia da comunidade⁵⁷².

Em resumo, a partir da introdução, se estabelece um canal de comunicação da autoridade reveladora, isto é, a soberania divina vem a ser transmitida através de Jesus Cristo ou dos seus anjos intérpretes a João, que, por sua vez, transmite à comunidade. Estritamente falando, as ‘Palavras da profecia’ não representam um discurso de ‘autor-profeta’ (João), mas, sobretudo, sustentam a originalidade da inspiração divina⁵⁷³.

O epílogo tem, em seu formato, uma exortação profética. Ela abrange todo o curso da história, pois o ‘autor-profeta’ (João) não apenas fala daqueles que lêem, ouvem e guardam as ‘Palavras da profecia’ (Ap 22,7; 1,3), mas direciona ao fim dos tempos. (Ap 22,18-19). Em outras palavras, ele parece querer antecipar o caráter testemunhal de sua obra; para tal, sublinha o lugar-comum da profecia, isto é, o discernimento do espírito e o testemunho dos profetas.

O cristão primitivo intui que o Espírito deve ser discernido e que as palavras e o testemunho de vida dos profetas devem ser averiguados e testificados pela comunidade; tal procedimento, em geral, é esquecido. Os resultados oriundos das lacunas têm levado os modelos teológicos críticos a equívocos, sobretudo, no contato com o texto⁵⁷⁴.

A profecia situa-se dentro de uma dialética tensão e contradições das experiências cotidianas de seus membros: marcada inegavelmente por tribulações e perseguições de ambos os contextos culturais – helênico e judaico. Dessa tensão, emergem interpelações teológicas que tocam direta ou indiretamente nas suas convicções. A resposta a essas questões parece que, no ambiente da Ásia Menor, adquiriu vários focos, em particular, dados pelos profetas cristãos das igrejas

⁵⁷²FIorenza, E.S., Op. cit. p. 08 “*Christian prophets were generally expected to speak in the liturgical assembly of the congregation. John clearly hopes that his writing will function during his absence as such a prophetic utterance within the worship of the ekklesiai.*”

⁵⁷³Ibid., p. 08 “*The real author of the Apocalypse is not John, but G*d, the risen Jesus, and the Spirit. The one in human likeness and the Spirit ‘speak’ to the ekklesia and John merely transcribes their message (Ap 1, 1. 19; 2.1 – 3, 22)*”.

⁵⁷⁴Ibid., p. 9 “*The early Christian insight that the Spirit must be discerned and the words and lifestyle of the prophets must be tested by the community has been too easily forgotten. The result is a lack of critical theological ability e spiritual practice to adjudicate scriptural texts. Theological education needs to train students in such a critical stance towards all human words that claim the direct authority of G*d. What the Spirit says today to our own particular socio-political location and rhetorical situation must be assessed in a theo-ethical practice of rhetorical analysis and ideology critique that can trace G*d’s power for justice and well-being in today’s political struggles against domination*”.

presentes neste contexto. O Apocalipse joanino implicitamente informa-nos, ‘como num relâmpago’, o curso dos argumentos empregados pelo ‘autor-profeta’ (João) no confronto direto com outros membros da comunidade. Esses, contudo, parecem ter uma enorme influência nos escritos joanino⁵⁷⁵.

A ausência de fontes e o desconhecimento do status social dos grupos dos profetas cristãos, com os quais o ‘autor-profeta’ (João) se contrapõe dificulta traçar em pormenores o contexto específico do profeta cristão. Então, resta-nos averiguar intuitivamente esse confronto a partir de algumas nuances do ‘Sitz im Leben’ da comunidade para quem ele escreve. Entre esses, pode-se notar a liderança de uma mulher com o título de ‘profetisa’, aliás, título jamais aplicado pelo ‘autor-profeta’ a si mesmo, seja porque não se considerava um profeta, ou porque seu status de profeta não estava em questão.

Em síntese, ainda são insuficientes os estudos críticos da compreensão teológica da profecia do Apocalipse joanino. Para tal, é preciso reformular o processo de reflexão hermenêutica da teologia bíblica. O universo simbólico e profético do mundo das visões do Apocalipse joanino é, sem dúvida, marcado pela tribulação. A base paradigmática da teologia não é a violência, mas a soberania divina presente na universalidade de história. A teologia bíblica em seu interesse por uma justa análise dos textos bíblicos a compreende como serviço prestado a toda humanidade. Diante desse desafio, são necessárias mudanças significativas tanto para o estudo específico bíblico quanto para as interpretações teológicas⁵⁷⁶.

O segundo autor, M. Jauhiainen, como título de seu artigo — Αποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ (Ap 1,1): The climax of John’s prophecy? — sugere analisar a obra joanina, na busca de apontar possíveis soluções para a tensão existente entre

⁵⁷⁵Ibid., p. 15 “John’s polemics is that which other prophets who did not perceive Roman power as oppressive and judge it as evil. John explicitly polemicalizes against these rival prophets in the messages addressed to the churches in Ephesus, Pergamum, and Thyatira... the community in Thyatira, in turn, provokes censure because it has accepted the influence and teaching of a woman prophet and her school. All tree terms, ‘Nicalaitans’, ‘Balaam’, and Jezebel, theologially label prophets who allowed their followers to eat food which had been sacrificed to idols and to participate in pagan religious festivities” (Cf. AUNE, E.D., *Prophecy in Early Christianity and Ancient Mediterranean World*, Grand Rapids, Eerdmans, 1983, p.178), points out that the oracle to Jezebel that is found in Rev. 2,20b – 23b ‘contains six structural elements characteristic of John’s prophetic rhetorical’. These are: censure, demand for repentance, threat of judgment, renewed demand for repentance, renewed threat of judgment, conclusion.

⁵⁷⁶Ibid., p. 18, em específico, nota 36, que reforça a necessidade de reformulação (cf. GRUBER, M.I., *A Re-evaluation of Hosea 1-2: Philology by life experience*, In KITZBERGER, I. R., *The personal voice in biblical interpretation*, New York, Routledge, 1999).

apocalipse e profecia. Para tal discernimento, ele parte do termo apocalipse, investigado em três contextos diferenciados. No primeiro, os pesquisadores que assumem o texto como uma descrição do gênero⁵⁷⁷; enquanto um segundo grupo o compreende como referência ao documento em seu conjunto; e, por fim, um terceiro grupo, que se sustenta em bases textuais, ou seja, a existência de vários indicadores textuais. Para esse último grupo, apocalipse não faz referência ao livro em si, mas a alguns indícios dentro do texto.

É *Ἀποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ* um único documento? Parece que a resposta a essa interpelação é possível, a partir de uma breve análise da evolução do termo em seu contexto histórico. Num primeiro momento, a palavra apocalipse compreendida como gênero de uma obra não encontra base em conceituações antigas, pois se trata de um uso tardio. Embora sustentado por escola crítica, ela é improvável na aproximação ao Apocalipse joanino e seus ouvintes\leitores⁵⁷⁸. Além do mais, se alguma hipótese fundamenta-se nesta perícopes, seria fácil contradizê-la⁵⁷⁹, pois, imediatamente após, o ‘autor-profeta’ deixa evidente sua intenção⁵⁸⁰. A obra do ‘autor-profeta’ se identifica explicitamente com a profecia (Ap 1,3), intrinsecamente conectado ao estilo profético do AT, presente em várias perícopes, como também na abertura formal da carta e o epílogo (Ap 22,21). Esses são indícios fortes da rejeição do Apocalipse joanino como pertencente à descrição do gênero.

⁵⁷⁷CAIRD, G.B., *The Revelation of St John the Divine*, London, A & C Black, 1984²; p.9; HELLHOLM, D., *The vision He saw or: to encode the future in writing*, In JENNINGS T.W. Jr. (Ed.) *Text and Logos: the humanistic interpretation of the New Testament*, Atlanta, Scholars, 1991, p. 109-146;

⁵⁷⁸FIORENZA, E.S., *The Book of Revelation: Justice and Judgment*, Philadelphia, Fortress, 1985, p. 150; SMITH, M., *On the History of ΑΠΟΚΑΛΥΨΙΩ and ΑΠΟΚΑΛΥΨΙΣ*. In HELLHOLM, D. (ed.), *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, Tübingen, Mohr Siebeck, 1983, p. 9-20; LINTON, G., *Reading the Apocalypse as an Apocalypse*, In LOVERING Jr, E.H., *SBL- Seminar Paper, Atlanta, Scholars*, 1991, 161-186;

⁵⁷⁹AUNE, D.E. *Revelation 1-5*, Col. WBC, vol I, Nashville, Nelson, 1998, p. 04 “It is... relatively certain that ... 1,1-2 was intended by the author to function as a title’. For an ancient reader, a title would have given hints regarding the essential matter of the composition (Epiphanius Pan 1,1.1). The abrupt introduction of the letter opening suggests that the title, together with the beatitude of v.3, was added when John’s prophetic letter was published.

⁵⁸⁰(Ap 1, 3.11; 19,10; 22,7.10.19; 10,11); Cf. FEKKES, J., *Isaiah and prophetic traditions in the Book of Revelation*, *JSNTSup* 93, 1994, p. 37-58. “Seeing and hearing visions, and interacting with angels and other characters were part of the prophetic activity of Isaiah, Ezekiel and Zachariah, so there is nothing in terms of John’s activities that is not found in the OT prophetic tradition. On the other hand, the content of John’s prophecy is certainly at points more developed – or ‘apocalyptic’ – than those of his predecessors. On John’s as a Jewish-Christian prophet”.

G. Beale propõe solucionar essa tensão, isto é, o Ap 1,1 e o conjunto do livro. Para isso, sugere interpretar a expressão ἐν τάχει⁵⁸¹ substantivo dativo neutro – logo, já, prontidão. Em tais passagens, ela perde sua referência óbvia de futuro e torna-se um termo semi-técnico⁵⁸², direcionado primeiramente a algum acontecimento que ocorrera no passado⁵⁸³.

O autor sustenta o seu argumento pela proximidade do cenário ou fonte de Ap 1,1, isto é, no texto o ‘autor-profeta’ apropria-se do texto de Dn 2,28-29, na LXX, reutilizando as palavras de Daniel, mas resguardando o cerne do Mistério divino. Sem dúvida, a íntima ligação desses textos é enorme: ambos os textos descrevem a promessa e o julgamento. Dessa forma, a proposta de G. Beale parece indicar que ‘εν ταχει’, em Ap 1,1, um significado não distante da relativa brevidade do tempo de Daniel.

O Αποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ como o conteúdo do livrinho. Segundo a tese de R. Bauckham, a questão da conversão das nações — não apenas se ocorrerá, mas também como ela se fará — é o centro da mensagem profética do Apocalipse joanino⁵⁸⁴. Apresentamos os principais pontos desenvolvidos por esse autor, em sua obra:

1. O livrinho dado pelo anjo a João em Ap 10 é identificável com o livro dado por Deus ao Cordeiro em Ap 5?
2. O anjo forte (poderoso) do Ap 10 é o mesmo que estão presentes em Ap 1,1 e 22,8?
3. O livro alude ao texto de Dn 12,7-9. Este responde à interpelação de Daniel: “What shall be the outcome of these things?”;

⁵⁸¹ ἄ μέλλει γενέσθαι em 1,19. As duas expressões enfatizam a determinação divina e têm referência ao futuro definitivo, especificamente quando a frente definida por μετὰ ταῦτα. (Ap 1,19; 4,1) ou ἐν τάχει. (Ap 1,1; 22,6).

⁵⁸² BEALE, G. *The Book of Revelation: a commentary on the Greek Text*, Col. NIGTC, Grand Rapids, Eerdmans, 1999, p 160. “He claims that Revelation 1,19 is an interpretive key to Revelation, invoking the dream of Daniel 2, which provides for Revelation ‘a framework of the inaugurated latter-day judgment of cosmic evil and the establishment of God’s eternal kingdom”.

⁵⁸³ ROWLAND, C., *The open heaven: a study of Apocalyptic in Judaism and Early Christianity*, London, SPCK, 1982, p. 420; G. Beale., *The Book of Revelation: a commentary on the Greek Text*, Col. NIGTC, Grand Rapids, Eerdmans, 1999, p. 311-312.

⁵⁸⁴ BAUCKHAM, R., *The climax of prophecy: studies on the Book of Revelation*, Edinburgh, T & T Clark, 1993, p. 238-337, em esp. p. 238.

4. O conteúdo do livro revela a lista das igrejas em tribulações, nas quais o testemunho tem um papel importante na conversão das nações adversas a Deus;
5. Essas revelações principiam-se em Ap 11,1, desenvolvido em toda a perícopie (Ap 11,1-13), mais adiante se expande até o último capítulo Ap 22,5.

Em suma, na breve análise desses principais pontos da obra de R. Bauckham, centrada, sobretudo, na conversão das nações como eixo temático da revelação profética joanina, pode-se intuir que Αποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ não é identificado com Ap 11,1-22,5 e nem mesmo com o conteúdo do livrinho em Ap 10.

A palavra Αποκάλυψις na obra joanina tem um papel secundário. A inserção da linguagem apocalíptica não preenche toda a perspectiva profética do Apocalipse joanino, porém é inegável a presença desse fenômeno no texto joanino. Assim sendo, fica evidente o papel principal do eixo profético. Esse abrange todo o texto pontuado nas mais diversas situações, até mesmo porque o ‘autor-profeta’, com suma maestria e meticulosidade literária, conduz seus leitores\ouvintes⁵⁸⁵.

Dito isso, é possível pontuar fórmulas específicas que inserem o Apocalipse joanino dentro do fenômeno da profecia: o que acontecerá em breve\logo. A frase ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει aparece duas vezes em Ap 1,1; 22,6. O último versículo une-se a Ap 22,6-9, a sub-unidade que tem, na sua abertura, vínculo verbal com ambos Ap 19,9-10 e Ap 1,1-3. Em consenso, muitos pesquisadores agora reconhecem que essa perícopie (Ap 22,6-9) conclui a visão da Nova Jerusalém (Ap 21,9 – 22,9), tendo a mesma correspondência em Ap 19,9-10, por ser a perícopie conclusiva da Babilônia (Ap 17,1 – 19,10). Além disso, é possível também situar a perícopie de Ap 22,6-9 como o início do epílogo⁵⁸⁶.

Dessa comparação, pode-se extrair duas conseqüências: primeiro, o que é assumido em Ap 1,1 referindo-se ao conjunto, pode ser igual, ajustada com Ap

⁵⁸⁵Ibid., p. IX.

⁵⁸⁶SWETE, H., *The Apocalypse of St. John*, London, Macmillan, 1906, p. 298; PRINGENT, P., *L'Apocalypse de Saint Jean*, Geneve, Labor et Fides, 2000, p. 77; LONGENECKER, B., *Linked like a chain: Rev 22,6-9 in light of an Ancient transition technique*, *NTS* 47, (2001), 105-117.

22,6; a segunda suposição vem do Ap 22, na frase as Palavras da profecia do livro⁵⁸⁷.

A visão espetacular revelada a João. Nesse segundo aspecto, os indícios nos vêm do verbo δεικνυμι. O livro, do início ao fim, segue o viés profético (por sua visão - οραω^ς βλεπω e ouve – ακουω.). Esse verbo aparece diversas vezes no texto Ap 1,1, refere-se ao anjo enviado por Deus\Jesus para revelar ao ‘autor-profeta’ (João) os últimos acontecimentos. Em Ap 4,1, uma voz do céu promete revelar as coisas que devem ocorrer em breve⁵⁸⁸. Uma breve análise dessas ocorrências se refere ao anjo mostrando as duas cidades para João (Ap 17,1; 21,9.10; 22,1). Duas perícopes Ap 1,1 e 22,6 evidenciam a missão dos anjos, isto é, revelar. Além disso, deixa claro que a missão atingiu sua plenitude.

Por fim, o anjo tem uma atividade fundamental na revelação. Somente em três ocasiões o anjo se comunica explicitamente com ‘autor-profeta’. Na primeira, retrata a figura do anjo no Ap 10,9, no qual ao Vidente é ordenado tomar o livro da mão do anjo e consumi-lo. Em Ap 17,1-19,10, envolve o julgamento da prostituta; na terceira, o anjo revela ao ‘autor-profeta’ a exaltação da Nova Jerusalém.

Com todos esses indícios, possibilita-se concluir que Ap 1,1 providenciou intencionalmente, num crescimento gradativo da narrativa, passo por passo, identificar o clímax da profecia joanina com Apocalipse de Jesus Cristo. Será que, com a expressão οἱ τοι οἱ λόγοι em Ap 22,6, há referência às ‘palavras da profecia’ presentes no v. 7, como ‘mostrado’ para ‘Autor-profeta’ (João) e pelo anjo?

⁵⁸⁷JAUHAINEN, M., Op. cit., p. 112: “Our investigation of the first verbal clue suggests we need to go a step further: the expectation of this climax was created by John already in 1,1. this conclusion gains further support from the examination of the other two clues below”

⁵⁸⁸Ap 17,1; 21,9.10; 22,1.6.8.

4.4

O profeta cristão no âmbito do Apocalipse joanino

4.4.1

O termo Προφήτης no Apocalipse joanino

Esse termo e seus derivados estão inseridos e pertencem ao âmbito do Novo Testamento como um todo. Com uma breve apresentação exposta acima, pode-se constatar suas evidências nos textos neotestamentários. Propomo-nos agora, examinar esse termo dentro do ambiente literário do Apocalipse.

1. προφητεία : aparece 7 vezes no Apocalipse⁵⁸⁹, das quais cinco destas são reservadas à introdução e à conclusão das coleções de visões. Essa expressão possibilita identificar o conteúdo da obra.
2. Προφητεύω : esse verbo não versa apenas sobre as visões do Vidente, mas implica a atividade em si mesma, ou seja, confirma sua identidade, do ponto de vista funcional⁵⁹⁰.
3. προφήτης: o substantivo ocorre 8 vezes no Apocalipse, sempre no plural.⁵⁹¹ Parece designar um grupo específico inserido na totalidade comunitária (de acordo com a imagem oriunda do próprio Apocalipse: a multidão de santos e profetas), que atua como porta-voz de Deus na comunidade⁵⁹².

J. Fekkes salienta o fato de que a ‘escola joanina’, em particular, o vidente João, ao que parece, propositalmente, em muitos casos, não insinua a ‘fraternidade’ dos profetas cristãos ou perfil dos profetas veterotestamentários. Contudo, trata-se de uma ambigüidade intencional com o objetivo de realçar a

⁵⁸⁹Com maior precisão, deve-se dizer que se trata da forma genitiva ‘Προφητείαῃ (Ap 1,3;11,6;19,10; 22,7.10.18.19); Para J. Fekkes, *Isaiah*, 49: “Clearly the product of John’s visionary experience is understood to be prophecy, and this description is intended to characterize the entire book, not merely, chs 2 and 3”.

⁵⁹⁰FEKKES III, J., Op. cit., p.49-50: “Not only is the product of John’s visions called prophecy, but the activity in which he is engaged is called prophesying”.

⁵⁹¹ Ap 10,7; 11,10.18; 16,6; 18, 20.24; 22,6.9.

⁵⁹²FEKKES III, J., Op. cit., p. 50: “The ‘prophets’ are regarded as distinct brotherhood among the people of God who act as God’s mouthpiece to the community”.

continuidade do papel profético na economia da salvação (Ap 22,9 – confirmar-se-ia pela boca do anjo, que o vidente era membro da ‘escola profética’)⁵⁹³.

4. προφήτιν: esse termo possibilita deduzir o envolvimento da atividade profética arraigada no conflito profético (em especial, naquilo que chamamos período ‘sub-apostólico’) com diversos outros setores da profecia da Ásia Menor (Ap 2,20-24; 2,6.15; 2,14). Neste contexto, assemelham-se aos profetas clássicos, ou seja, proclamam-se juízos de condenação aos seus oponentes, em nome do Senhor Ressuscitado e da Verdade e os declaram ‘falsos profetas’.⁵⁹⁴

Na análise pormenorizada dos profetas cristãos e de sua profecia, em particular, limitada à leitura e releitura da profecia joanina, ao menos metodologicamente, pode-se examinar a delicada sintonia do profeta e sua profecia no âmbito do apocalipse cristão⁵⁹⁵. No entanto, é possível propor um estudo do Apocalipse joanino em dois eixos temáticos.

O primeiro eixo toma o termo ‘prophêtês’ – profetas na tradição do Apocalipse joanino. A) o ‘editor-profeta’; b) O ‘Prophêtês’ como ‘doulos’; c) O ‘prophêtês’ como ‘adelfos’; d) O ‘prophêtês’ como mestre na escola profética joanina.

O segundo eixo focaliza a ‘προφητεία’ no âmbito do apocalipse joanino. a) A ‘propheteia’ e a ordem de ‘grafos’ e contra-ordem não ‘grafos’; b) A ‘προφητεία’ no contexto sincrônico dos dois livros. b’. O ‘Biblion’ selado e aberto pelo cordeiro; b’’. O ‘biblaridion’ tomado e consumido pelo ‘prophêtês’; c) A ‘propheteia’ e o ‘pneuma’; d) A ‘propheteia’ e a ‘martyria’ na perspectiva escatológica.

A identificação da profecia cristã primitiva (ou os seus termos correlatos), fundamentada nos documentos canônicos do NT, possibilita verificar que a

⁵⁹³Ibid., p. 50: “*In this way he accents the continuity of the prophetic role in salvation history*”.

⁵⁹⁴Ibid., p. 50, nota 89.

⁵⁹⁵BLINKINSOPP, J., *The prophetic reproach*, in **JBL** 90, 1971, 267-278; GEORGI, D., *Who is the true prophet?* In **HTR** 79, 1986, 100-126; BORING, M.E., *The influence of Christian prophecy on the Johannine portrayal of the Paraclete and Jesus*, In **NTS** 25, 1977\78, 113-122; PERROT, C., *Prophètes et prophétisme dans le Nouveau Testament*, In **LumVie** 22, 1973, 25-39; GOULDER, M.D., *The Apocalypse as an annual cycle of prophecies*, In **NTS** 27, 1981, 342-367; BIGUZZI, G., *The chaos of Rev 22,6-21 and prophecy in Asia*, In **Bib** 83, 2002, 193-210; Ibid., *Spirito e profezia nell’Apocalisse di Giovanni*, In **EstBib** 60, 2002, 503-522; REILING, J., *Hermas and Christian prophecy: a study of the eleventh mandate*, **NTSup**, 1973, 1-19; CONTHENET, E., *Le prophétisme dans le Nouveau Testament*. In **DBSup** 8, 1972, 1222-1337; MARCATO, G., *Carisma profetico e autorità apostolica nell’Apocalisse*, In **Ang**, 79, 2002, 5-18; BASSETTI, A. (ed.), *Apokalypsis: percorsi nell’Apocalisse di Giovanni*, Assisi, Cittadella, 2005.

atividade e a função se entrelaçam. Esse agrupamento de elementos foi geralmente denominado de profecia.

Para Max Turner, atualmente há uma razoável aceitação de um eixo condutor das fontes: “*For Paul prophecy is the reception and subsequent communication... the declaring of a revelatory experience*⁵⁹⁶”. A profecia é a proclamação pública da experiência reveladora; no caso específico do Apocalipse joanino, esse anúncio se dá por escrito⁵⁹⁷.

Esses dados nos permitem pontuar dois tópicos característicos: a profecia cristã, em particular, nos seus documentos canônicos, se refere comumente a um anúncio comunitário; fundamenta-se na experiência profética de Israel – Deus comunica-se com o profeta e revela seu projeto a seu povo. Trata-se de um apropriado eixo, visto que seu nexos com o AT reflete nos documentos cristãos. Ela, contudo, sobressai nos relatos tardios do AT e nos escritos intertestamentários – que provavelmente sofrem alterações na forma clássica da profecia⁵⁹⁸.

Entre essas modificações, duas influenciaram, de maneira contundente, o texto neotestamentário: se autocompreende como profecia e a progressiva evolução da afinidade do ‘dom da profecia’ com o ‘dom da sabedoria’. Essa evolução é mais presente nos escritos apocalípticos. Embora se possa pontuar a diferença entre a linha apocalíptica e a profética. A primeira se desenvolve no âmbito da revelação iminente do fim dentro da dimensão cósmica (determinista); a visão profética, ao contrário, descreve o julgamento do mundo, assumindo como eixo o discernimento dos seus significativos momentos históricos.

O progresso da profecia cristã se enquadra, sobretudo, devido à sua aproximação e identificação com o AT, a partir desse clímax que conduziu todo o escrito profético do NT na sua formação e possibilitou emergir e espalhar-se nas

⁵⁹⁶TURNER, M., *Spiritual gifts then and now*, **VoxE**, 15, 1984, p. 10-11.

⁵⁹⁷BIGUZZI, G., *La profezia nell'Apocalisse di Giovanni*, In **EsprVie**, 173-181. “*L'Apocalisse parla di profeti e di profezia una ventina di volte, ambientando il fenomeno profetico sia nelle chiese d'Asia, sia nella chiesa a più vasto raggio. Profeta però è soprattutto l'autore stesso, lui che per parlare del suo libro ricorre ripetutamente alla formula: 'la profezia di questo libro'. Attivo a livello locale, dice di avere ricevuto l'investitura profetica anche contro popoli e re numerosi*”;

⁵⁹⁸FRIEDRICH, G., ‘Προφήτης’, in TDNT Vol. VI, p. 815-861; COTHENET, E. *Prophetisme dans le Nouveau Testament*,

comunidades primitivas⁵⁹⁹. Diante dessa constatação, resta-nos pontuar alguns desses elementos oriundos do texto e contexto do Apocalipse joanino.

4.4.2

O ‘autor-profeta’ membro da escola joanina

Ante as inúmeras tentativas de definir o autor do Apocalipse joanino, a mais brilhante e apropriada tem sido dada por D. Hill⁶⁰⁰; este o qualifica de ‘Autor-profeta’. Considerando a riqueza e variedade dos dados e categorias proféticas presentes no Apocalipse joanino, sem dúvida, trata-se de uma das melhores adequações ao escrito.

Para fundamentar sua classificação sobre o ‘autor-profeta’, Hill investiga e analisa diversos pontos, mesmo ciente de que, em nenhuma parte, o autor (redator) do escrito se autodenomina profeta. Entretanto, encontram-se inúmeros elementos que justificam essa classificação.

Em primeiro lugar, está a distância entre o ambiente apocalíptico e o profético no contexto do livro, visto que o escrito não compartilha em sua totalidade das primordiais características da linguagem apocalíptica.

Em segundo lugar, mesmo utilizando-se de técnicas próprias do âmbito apocalíptico, o ‘autor-profeta’ parece retomar em vários textos a base profética. Portanto, há fortes indicações de que essas técnicas foram de alguma forma adaptadas e expropriadas, servindo-se dos motivos apocalípticos para fazer a ‘descrição’ de sua atividade profética, no contexto adverso, o seu testemunho.

Em terceiro lugar, nos melindres dos limites entre esses dois fenômenos, delicado para se estabelecerem, encontra-se a visão da história. No âmbito da apocalíptica, essa visão é transportada para outra esfera, a ação divina, enquanto, no âmbito da profecia cristã primitiva, a mensagem profética é plenamente

⁵⁹⁹ELLIS, E.E., *Prophecy in the New Testament church- and today*, in PANAGOPOULOS, J. (ed.), *Prophetic vocation in the New Testament and today*, Leiden, E. J. Brill, 1977, p. 47-57, em esp. p. 47: “This view is reflected in the rabbinic tradition where the prophets are regarded as the oldest expositors of the law. It is also implied in the inspired exposition of Daniel and of the wise teachers of Qumran”;

⁶⁰⁰HILL, D., *New Testament prophecy*, Atlanta, J. Knox, 1979, em esp. p. 70-87; *Ibid.*, *Prophecy and prophets in Revelation*, In *NTS* 18, 1971\72, 401-418; *Ibid.*, *On the evidence for creative Role of Christian prophets*, In *NTS* 20, 1974, 262-274; FRANCO, E., *Profeti e profezia nell’Apocalisse*, In BOSETTI, A. (Ed.), *Apokalypsis: percorsi nell’Apocalisse di Giovanni*, Assisi, Cittadella, 2005, 335-368.

conectada e enraizada na história salvífica. Em sua ‘investidura profética’, o ‘autor-profeta’ deve, fundamentalmente, fazer a ‘descrição’ da história (Ap 1,19). Além do mais, seu clímax é o agir salvador de Deus em Jesus Cristo. O evento crístico é o pivô de sua confiança plena no poder e na vitória de Deus, no momento presente e ao longo do ‘pouco tempo’ que resta até o cumprimento pleno e estabelecimento da soberania de Deus.

O Apocalipse cristão, inserido na linearidade temporal, supera os escritos do seu tempo, mas, sobretudo, ultrapassa todos os tempos. Principalmente porque o ‘autor-profeta’ não se limita, mesmo que ocorra, a predizer os acontecimentos históricos específicos do seu tempo ou de um tempo futuro, que vem a ser um caráter específico da apocalíptica judaica. O ‘autor-profeta’ parece mesclar esses dois fenômenos com muita maestria, o que, sem dúvida, possibilitou a inserção do seu escrito no cânon neotestamentário. A partir de seu ‘Sitz im Leben’, manteve-se fiel à tradição profética⁶⁰¹.

Levando em consideração a identidade dos profetas no Apocalipse joanino e o seu lugar na estrutura eclesial, na medida em que se possa deduzir, o livro não tem nenhum interesse implícito ou explícito em descrever a organização eclesial com suas instituições⁶⁰².

4.4.3

O profeta cristão e os demais membros da comunidade

Das nove ocorrências do termo ‘prophêês’ no âmbito do Apocalipse joanino, dois agrupamentos desse termo parecem plausíveis. Em Ap 10,7 (*ἀλλ’ ἐν ταῖς ἡμέραις τῆς φωνῆς τοῦ ἑβδόμου ἀγγέλου, ὅταν μέλλῃ σαλπίζειν, καὶ ἐτελέσθῃ τὸ μυστήριον τοῦ θεοῦ, ὡς εὐηγγέλισεν τοὺς ἑαυτοῦ δούλους τοὺς προφήτας*). Diante da proclamação angelical sobre a plenitude dos tempos, descreve-se a ação do último toque da trombeta, o anjo soa a sétima trombeta: revelará o mistério de Deus. Conforme foi anunciado, ‘eungelion’ aos servos, aos profetas. Essas expressões e imagens recordam as palavras do profeta Amós (Am

⁶⁰¹“Ce qui fait l’originalité profonde de l’Apocalypse johannique, c’est que tout en utilisant le nomeiam, l’imagerie et les procedes de l’apocalyptique juive, fidèle de demeure de elle à ce que fait le grandezza de l’ancienne prophetie”.

⁶⁰²Segundo BORNKAMM: os profetas e os outros líderes são todos os irmãos no testemunho Jesus Cristo.

3,7), além de expressar clara referência ao AT, em particular, a fórmula desenvolvida por Daniel (Dn 12,6-7), Contudo, não se deve desmerecer o caráter inovador do ‘autor-profeta’ que, habilmente, soube adaptar a sua intenção toda a promessa veterotestamentária.

O profeta como receptor da ‘Boa Nova’ – ευγγελιον – coloca-se no serviço, tornando um servo ‘doulos’. Esse termo parece freqüente e comum ao ‘Sitz im Leben’ do Apocalipse joanino. Em Ap 1,1 *Αποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ ἣν ἔδωκεν αὐτῷ ὁ θεὸς δεῖξαι τοῖς δούλοις αὐτοῦ ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει, καὶ ἐσήμανεν ἀποστείλας διὰ τοῦ ἀγγέλου αὐτοῦ τῷ δούλῳ αὐτοῦ Ἰωάννῃ* ou ainda, em Ap 22,6 *Καὶ εἶπέν μοι, Οὗτοι οἱ λόγοι πιστοὶ καὶ ἀληθινοί, καὶ ὁ κύριος ὁ θεὸς τῶν πνευμάτων τῶν προφητῶν ἀπέστειλεν τὸν ἄγγελον αὐτοῦ δεῖξαι τοῖς δούλοις αὐτοῦ ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει.* Nessa perspectiva, os profetas cristãos estão em continuidade com a tradição veterotestamentária.

O outro grupo parece ser mediado pelo testemunho dos dois profetas (Ap 11,10, *ὅτι οὗτοι οἱ δύο προφῆται ἐβασάνισαν τοὺς κατοικοῦντας ἐπὶ τῆς γῆς.*). Dentro dessa unidade, é evidente a característica do testemunho, mas, sobretudo, ampliar a nossa visão profética do Apocalipse joanino. Percebe-se o ponto de convergência de ambos os termos; o ‘autor-profeta’ entrelaça-os de modo a caracterizar a peculiaridade do profeta cristão: o primeiro aspecto o encaixa dentro do contexto do ‘doulos’- servo; no segundo aspecto, essa peculiaridade se realiza através do testemunho – ‘martírio’. No centro desse testemunho, localiza-se a perícopos (Ap 11,1-13), muitas vezes tida como secundária, outras vezes considerada comumente como um acréscimo tardio de uma fonte ou fragmentos. Se assim considerarmos, descaracterizamos toda a sutileza do ‘autor-profeta’ em termos da função, pois esse compreende o ‘prophêtês’ como uma ‘testemunha’. À guisa de conclusão, pode-se afirmar que, no imaginário do ‘autor-profeta’, os dois grupos são complementares e que isso possibilitou descrever toda a igreja (todos os cristãos) simbólica ou idealisticamente como ‘testemunha’ ou ‘profeta’.

Em Ap 11,18 — *καὶ τὰ ἔθνη ὠργίσθησαν, καὶ ἦλθεν ἡ ὀργή σου καὶ ὁ καιρὸς τῶν νεκρῶν κριθῆναι καὶ δοῦναι τὸν μισθὸν τοῖς δούλοις σου τοῖς προφήταις καὶ τοῖς ἁγίοις καὶ τοῖς φοβουμένοις τὸ ὄνομά σου, τοὺς μικροὺς καὶ τοὺς μεγάλους, καὶ διαφθεῖραι τοὺς διαφθείροντας τὴν γῆνα* confirma-se a sagacidade com que nosso ‘autor-profeta’ domina o seu contexto, conhece e circula livremente no ambiente literário de seu tempo. Embora não tenhamos outros textos do mesmo teor que

sirvam de comparação, é possível sinalizar a naturalidade com que esses membros da comunidade se intercalavam.

No soar da sétima trombeta, proclama-se a entronização dos Reis dos Reis, na qual os vinte e quatro anciãos adoram a Deus entre as suas palavras: “O tempo chegou para julgar os mortos e para retribuir a recompensa aos servos, os profetas, os santos e àqueles que temem o seu nome, pequenos e grandes”. A repetição da frase *δούλοις σου τοῖς προφήταις* no Apocalipse joanino e em outros textos (Jr 7,25; 25,4; Dn 9,10; Ez 38,17; Zc 1,6) induziu Lohmeyer a propor uma divisão em categorias de fiéis. Os servos (escravos) seriam subdivididos em dois grupos: os profetas e os santos. Tal proposta de divisão, ao nosso parecer é improvável, sobretudo, devido ao caráter de unidade do contexto literário profético do Apocalipse joanino, por não haver nenhum embate contundente entre os membros da comunidade⁶⁰³.

4.4.4

O profeta como ‘ἀδελφός’

Como já foi acenado acima, o profeta cristão é membro da comunidade. Em Ap 22,9, o ‘autor-profeta’ evidencia esta comunhão quando descreve o anjo impedindo o gesto de adoração. (Ap 22:9 *καὶ λέγει μοι, “Ὁρα μὴ· σύνδουλός σου εἶμι καὶ τῶν ἀδελφῶν σου τῶν προφητῶν καὶ τῶν τηρούντων τοὺς λόγους τοῦ βιβλίου τούτου· τῷ θεῷ προσκύνησον*). Essa perícopé é pertinente para fundamentar a relação entre o ‘autor-profeta’ e os profetas cristãos primitivos da comunidade. Mesmo não tendo o enfoque eclesial, o ‘autor-profeta’ João emprega o termo em proximidade com a tradição profética judaica para expressá-lo mais profundamente na conexão com o NT. O profeta neotestamentário não se isola da comunidade, ele não está acima da comunidade, mas, como membro, sua atividade e mensagem estão sujeitas aos membros da mesma (I Cor 14,29-30).

Ao contrário, a acepção do profeta cristão no Apocalipse joanino não somente reflete a tradição profética veterotestamentária, mas, em particular, se dirige à dimensão profético-escatológica. A firmeza e precisão de suas palavras

⁶⁰³Ap 16, 6; 17,6. Em Ap 18,20,24, há uma lista tríplice: os Santos, os Apóstolos e os Profetas. No v. 20, os Santos provavelmente são postos em primeiro lugar por representarem totalidade dos fiéis. Já no v. 24, ‘sangue dos profetas e dos santos’ parece se referir às mortes de profetas cristãos e fiéis.

diante dos últimos eventos são acolhidas pela comunidade e outorgada pela divindade (Ap 21,5; 22,6). Em nossa análise das ‘silhuetas’ dos profetas cristãos, descritos no Apocalipse joanino, possibilita-se apresentar alguns indícios peculiares do profeta. O emprego do termo, na maioria das ocorrências, está implicado no ‘Sitz im Leben’ neotestamentário. Esses profetas têm, em si mesmos, algumas peculiaridades que os diferenciam e ressaltam diante dos outros membros; no entanto, esses aspectos peculiares não permitem distinguir-se em termo de procedência ou posição. Por fim, os dois textos testemunham a existência de um grupo de profeta cristão (Ap 19,10 *καὶ ἔπεσα ἔμπροσθεν τῶν ποδῶν αὐτοῦ προσκυνῆσαι αὐτῷ. καὶ λέγει μοι, "Ὁρα μὴ· σύνδουλός σου εἶμι καὶ τῶν ἀδελφῶν σου τῶν ἐχόντων τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ· τῷ θεῷ προσκύνησον. ἡ γὰρ μαρτυρία Ἰησοῦ ἐστὶν τὸ πνεῦμα τῆς προφητείας.*; ou ainda Ap 22,6 *Καὶ εἶπέν μοι, Οὗτοι οἱ λόγοι πιστοὶ καὶ ἀληθινοί, καὶ ὁ κύριος ὁ θεὸς τῶν πνευμάτων τῶν προφητῶν ἀπέστειλεν τὸν ἄγγελον αὐτοῦ δεῖξαι τοῖς δούλοις αὐτοῦ ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει.*).

4.4.5

O profeta: ordem e a contra-ordem de não-escrever

A palavra *γράφω* aparece 14 vezes no Apocalipse joanino. A referência às ‘palavras da profecia’ (Ap 1,3 *τοὺς λόγους τῆς προφητείας*) ou às ‘palavras proféticas deste livro’ (Ap 22,7.9.10.18.19) evidenciam que o Apocalipse joanino constitui, por si mesmo, o cumprimento da missão profética do ‘autor-profeta’.

No entanto, existe uma contra-ordem, na qual o ‘autor-profeta’ deve manter o mistério. Neste momento, ele é impedido de escrever, de exercer seu ato tão precioso, praticado ao longo de todo o livro. Em Ap 10, 4 ‘*μὴ αὐτὰ γράψῃς*’, porém, não se deve tomar conclusões precipitadas, visto que essa contra-ordem, em si mesma, não desqualifica todo o trabalho desenvolvido pelo ‘autor-profeta’, mas salienta um outro aspecto, da relação intrínseca da profecia-escatologia.

4.4.6

A Profecia do livro: O selado e Consumido?

A expressão - λόγων τοῦ βιβλίου τῆς προφητείας – Palavra do livro da profecia. Ela parece trilhar uma intenção proposital do ‘autor-profeta’ dentro de sua obra. Primeiro, porque ela possibilita emoldurar sua obra na dimensão literária da interseção cultural da tradição profética do AT e no âmbito do cristianismo primitivo. Segundo, com o uso temático dessa problemática específica, isto é, o confronto implícito ou explícito com outros grupos, evidencia-se a intencionalidade do ‘autor-profeta’ ao dirigir-se, por meio literário, à sua ‘escola’ profética.

Diante desses dois tópicos, emerge imediatamente um questionamento: é possível centralizar toda a dimensão universal das ‘palavras da profecia’ no livro lacrado e devorado? Ou ainda, no âmbito da ‘escola joanina’ qual o significado do ‘livro da profecia’ para seu emoldurar-se literário?

Dentro do quadro literário joanino, em particular, do Apocalipse, ambos os livros parecem ter papéis determinantes na revelação. Constata-se, em primeiro lugar, a intensa e íntima relação entre ambos, porém não são idênticos. O livro selado de Ap 5 é aberto pelo Cordeiro, é exposto ao ‘autor-profeta’ pelo anjo e este tem o Apocalipse de Jesus Cristo. O livrinho aberto de Ap 10 é tomado da mão do anjo e consumido (devorado) pelo ‘autor-profeta’, assim lhe é permitido ao menos conhecer seus conteúdos proféticos⁶⁰⁴.

⁶⁰⁴ Toda essa problemática fora abordada no capítulo II. Nesse, aprofundamos cada peculiaridade da semelhança e diferença entre os dois livros: (selado e entregue ao cordeiro; aberto e entregue ao ‘autor-profeta’ para ser consumido). Portanto, para a compreensão desse problema faz-se necessário retornar ao que foi estudado no segundo capítulo.

4.5

A atividade profética no Apocalipse de João

4.5.1

O ato de profetizar

Dos testemunhos do NT, podem-se distinguir, ao menos hipoteticamente, três tipos de atividade profética⁶⁰⁵. ‘Profetizar’ era um ato ‘especializado’ ao interno das comunidades ou outros cristãos, esporadicamente, exercitavam este ‘ministério’?

Para responder a esta questão, devemos percorrer qual o sentido do verbo ‘προφητεύω’. . Este verbo aparece 28 vezes nos textos neotestamentários, cinco vezes se refere à atividade dos profetas do AT. Pode-se, contudo, associar o termo ‘prophêtes’ como sendo reflexo do termo hebraico “נְבִיאִים” nas outras 23 ocorrências, faz nexos com os profetas judaico-cristãos⁶⁰⁶.

No ‘Corpus Paulino’, o verbo aparece inserido no contexto literário de I Cor 11-14 e no contexto do uso do termo ‘profetas’. Os profetas e o ato de profetizar são compreendidos na sua diversidade à luz de I Cor 12-14. Dentro desse ambiente, pode-se enxergar a dimensão dada por Paulo aos ‘profetas’ - aqueles que profetizavam independentemente da frequência com a qual o fazem ou da legitimidade do dom de profetizar de todos os cristãos⁶⁰⁷.

⁶⁰⁵AUNE, D.E., Op. cit., p. 198: “On the basis of the evident thus far considered we have discovered three types of prophetic activity: (1) Prophets who prophecy in a prophetic group, either within or apart from Christian worship; (2) Prophets who belong to a prophetic fraternity but who are scattered throughout a number, and (3) prophets who give solo prophetic performances, either within the framework of Christian worship or in a private setting”

⁶⁰⁶Ibid., p. 199: “the verb προφητεύω, however, is the standard translation for the Hebrew verb nb’ in the LXX and early Christian literature. The use of the verb προφητεύω in early Christian literature, then (like the non ‘prophêtes’) is formally derived from the Israelite-Jewish prophetic traditions”

⁶⁰⁷Ibid., p.,199: “It is possible that by ‘prophet’ Paul simply means those who prophecy, regardless of the frequency of that activity and the legitimacy of the gift of prophecy for all Christian”. Segundo Aune, a solução mais contundente para equacionar essa questão seria direcionar a reflexão paulina não esta exortando todos os cristãos de Corinto a almejar o dom de profetizar, mas ao contrario, mais fala restritamente para aqueles que se entendem dotados da ‘glossolalia’ de aspirar ao dom da profecia. Cf. FORBES, C., *Prophecy and Inspired speech in Early Christianity and its Hellenistic environment*, WUNT- 2. Reihe 75, Tübingen, 1995, esp. 75-102.

Nos Atos dos Apóstolos, comumente, a profecia é praticada por aquelas pessoas que são denominadas ‘profetas’ ou normalmente no interior de um ‘grupo de profetas’⁶⁰⁸.

Não se pode ignorar o problema do gênero literário e de sua forma na qual se exprime o discurso profético. D. Hill, seguindo os trabalhos de M.E. Boring⁶⁰⁹ e U.B. Muller⁶¹⁰, apresenta, em sua obra, importantes materiais extremamente pertinentes à compreensão dessa problemática, ou seja, o perfil da profecia cristã. O que vem confirmado por U.B. Muller, dedica-se a aprofundar a crítica das formas na profecia e na pregação do NT.

4.5.2

A liderança do ‘autor-profeta’ João

Antes de aprofundar o ministério do profeta cristão, um constante questionamento inquietava, nos estudos preliminares, a teologia: no ensino bíblico-teológico não ouvi nenhum dos meus professores exporem um estudo sobre o ‘profeta cristão’ ou de suas atividades dentro da comunidade primitiva. Essa constatação impulsionou-me a investigar essa temática. Para tanto, iniciei o estudo bíblico-teológico no mestrado com o objetivo de pesquisar esse tema, mas, sobretudo, porque aos profetas do AT se dedicou um enorme tempo. Nesse período foi possível alcançar um grau de maturidade formidável, a ponto de poder atualmente investigar os seus oráculos, seus relatos bibliográficos, o ambiente sócio-político-cultural, em particular, função, forma e conteúdo de sua mensagem; não somente isso, mas também a relação com a tradição israelita. Com todos esses dados foi e é possível estabelecer o ‘perfil’ do profeta do AT. Entretanto, quando nos voltamos para o profeta cristão, não encontramos o mesmo vigor e entusiasmo, o que exigirá automaticamente um esforço redobrado, seja por causa de suas fontes reduzidas da atividade profética do NT, seja devido à dificuldade de reconhecer as expressões típicas do discurso profético neotestamentário.

⁶⁰⁸AUNE, D.E., Op. cit., p.199: “*Ordinarily prophecy is exhibited only by those specially designated as prophet, and usually within the framework of a group of prophets*”.

⁶⁰⁹BORING, M.E., *The Apocalypse as christian prophecy. A discussion of the issues raised by the book of Revelation for the study of Early Christian prophecy*, In **SBLSP** (1974), 43-62.

⁶¹⁰MÜLLER, U.B., *Prophetie und predigt im Neuen Testament. Formgeschicht-liche Untersuchungen zur urchristlichen prophetie*, Gütersloh, 1975.

Seguindo a proposta de D.Hill, que sugere verificar a intensidade da atividade do profeta cristão no âmbito do ministério de ensino como ‘mestre’ ou ‘instrutor’ da comunidade cristã primitiva, passaremos em revista a pesquisa de D. Hill que se desenvolve dentro de quatro tópicos específicos: 1. na tradição Paulina; 2. na tradição joanina, em particular, no Apocalipse joanino; 3. a relação do profeta cristão com outros mestres do NT. 4. no livro dos Atos dos Apóstolos.

1. O profeta cristão: Mestre da comunidade na tradição Paulina.

Não obstante as valiosas cartas da tradição Paulina, vamos focar, em particular, o enfrentamento da temática em questão no texto da I Cor 12-14. Nesse texto, Paulo expõe sua visão sobre a profecia. Nas cartas, consideradas genuinamente de Paulo, pouco se fala dos dons e não há referências aos profetas, a não ser o já descrito no AT. Contudo, a exortação em ITs 5,20 e os indícios da profecia em Rm 12,4 possibilitam extrair implicações significativas do dom da profecia, no âmbito da tradição Paulina, estimada por Paulo como um fenômeno presente nas comunidades primitivas, mesmo que não haja nenhuma referência explícita ao profeta cristão⁶¹¹.

A tradição Paulina interage com outros escritos neotestamentários, mais especificamente com o texto lucano (Atos dos Apóstolos) e joanino (Apocalipse). Essa aproximação é direcionada ao ‘dom da profecia’, em algum sentido, presente em todo o conjunto das comunidades. Porque o Espírito Santo foi dado para todos os cristãos, não significa que todos fossem, no sentido estrito, profetas⁶¹².

F. J. Leenhardt⁶¹³, comentando as cartas aos romanos, particularmente Rm 12,6 diz: “*Le prophète n’est pas l’homme des prédictions, mais de la prédication qui insère la Parole de Deus dans l’existence d’une communauté, qui donne des mots*

⁶¹¹HILL, D., *Christian prophets as teacher or instructors in the church*, in PANAGOPOULOS, J., *Prophetic vocation in the New Testament and today*, Leiden, E.J. Brill, 1977, p. 108-130, em esp. 109, nota 3: “we cannot simply assume that in I Cor 12,28 Paul is dependent on knowledge of the triadic structure – apostles, prophets, teachers – that is attributed by Luke to the church at Antioch, Acts 13,1s. However, that those who prophesy form a relatively fixed group in the Corinthian congregation is clear from 12,28 which names the three groups appointed by God; from the question μή πάντες προφήται (I Cor 12,29); and from 14,37 Εἴ τις δοκεῖ προφήτης which would be meaningless if there was no identifiable position in the church so entitled”.

⁶¹²HILL, D., Op. cit., p. 109: “Save in the Corinthian correspondence, may imply (if it is significant at all) that it was in Corinth alone of the Pauline congregations that those who prophesied emerged and were treated as a distinct group within the church. Cf. SWETE, H.B., *The Holy Spirit in the New Testament*, London, 1910, 377.

⁶¹³LEERNAHRDT, F.J., *L’eprite aux Romains*, Neuchâtel, 1957, p. 174.

d'horde concrets et précis'. Ou ainda, as observações de M.A. Chevallier⁶¹⁴ “*La prophétie a pour fonction d'éclairer par la révélation de Dieu l'existence des chrétiens, soit comme communauté, soit comme individuel*”. A proclamação profética é uma pregação pastoral, a qual, por sua natureza, oferece orientação e instrução para a comunidade.

No contexto, ou melhor, o “Sitz im Leben” de I Cor 12-14, em que a glossolalia e profecia estão em confronto direto, no aspecto ininteligível de um lado e o compreensível do outro, ou seja, o discurso inteligente e inteligível pode se referir, implicitamente, ao discurso profético. O profeta não é apenas o líder na comunidade que se expressa pela ação do Espírito, nem sua fala é caracterizada pela persuasão a se convencer da verdade, até então não revelada, mas o que revela deve ser original e oriundo da inspiração. Além disso, Paulo é enfático na sua pergunta sobre o que o profeta revela, se deve ser inteligente e compreensivo à comunidade e o que ele (profeta) revela deve ser ‘ensinado’ aos que ouvem.

Havendo ainda algumas reticências sobre a atividade (função) do profeta no seu ministério na tradição Paulina, essa é completamente exaurida no âmbito do ‘autor-profeta’ João, em particular, nas suas mensagens às igrejas da Ásia Menor (Ap 2 – 3). Esse faz uma ‘descrição’ detalhada do ‘perfil’ do profeta cristão inserido na conjuntura eclesiológica de seu tempo, mesmo que isso seja uma precipitação, extrapolando sua consciência profética e a atividade do profeta cristão. É justificável, sobretudo, por causa da sua proximidade com o AT, visto que o termo ‘προφήτης’ é anexado e associado à experiência profética do AT.

No horizonte das pesquisas, afirma-se e confirma-se que a característica principal do ‘mestre’, no âmbito do cristianismo primitivo, é relacionada pela sua ligação com a tradição⁶¹⁵. Essa compreensão é muito próxima do ‘Mestre da justiça\retidão’ da comunidade de Qumrân, pois o mesmo expõe a profecia do AT, tomando como ponto nevrálgico a vida e situação concreta da comunidade. Segundo D. Hill, esse hipótese está equivocada, pois a característica focal do

⁶¹⁴CHEVALLIER, M.A., *Esprit de Dieu, paroles d'hommes*, p. 198.

⁶¹⁵CAMPENHAUSEN, VON H., *Ecclesiastical authority and spirit power*, p. 61: “Teaching is concerned with handing on and expounding the *Christ-tradition*, with impressing on men the *precepts and propositions of the faith*, and above all with the *exegesis of the Old Testament as understood by the young church*”.

‘mestre’ se pode localizar no seu trabalho; portanto, difere, mas sem se opor à revelação profética⁶¹⁶.

Embora, no livro dos Atos dos Apóstolos, a profecia venha compreendida como um poder escatológico do Espírito, tem-se a possibilidade para algum cristão⁶¹⁷, se bem que o objetivo lucano é a desescatolizar e historicizar aquilo que originalmente foi uma mensagem escatológica⁶¹⁸. E.E.Ellis sustenta que a interpretação da escritura foi uma importante atividade do profeta cristão dentro da comunidade de Atos. Para assegurar sua proposta e fundamentá-la, investiga o texto de At 13,16-41. Em suas conclusões, ressalta o princípio da missão cristã, na qual não poderia ter havido uma absoluta distinção entre profeta e apóstolos. O ambiente da comunidade primitiva parece enfatizar suas peculiaridades, sobretudo, na diferença de atividade e no método⁶¹⁹.

A linha de continuidade entre o clássico profeta do AT e o profeta cristão do NT é assegurada, implicitamente, pelo uso da palavra ‘prophêtes’ nos dois ambientes, embora se possa constatar que, no cristianismo primitivo, a interpretação da escritura tenha recebido um novo e decisivo acréscimo, isto é, a escritura foi lida e interpretada a partir dos fatos e palavras de Jesus. Em resumo, pode-se afirmar que o profeta do NT associa-se ao profeta do AT no seu exercício e ministério.

A tradição Paulina, em particular, a experiência profética da I Cor 12-14, não deve ser compreendida como uma construção artificiosa do autor numa linguagem apocalíptica da profecia, pois a profecia deve ser analisada na sua extensão máxima, isto é, ser julgada pelos seus efeitos e exageros na vida das comunidades cristãs. Além desse tópico, convém observar que Paulo não se autodenomina profeta, o que não é estranho, visto que Jesus não se considera profeta ou assume qualquer outro título. No entanto, não nos permite afirmar que

⁶¹⁶HILL, D., Op. cit., p. 122: “Recent scholarship is correct in claiming that the characteristic feature of the ‘theache’s’ work is to be found in his relation to tradition”. D. Hill não aceita essa hipótese. Para ele, o profeta cristão exerceu o ministério de ensinar na comunidade.

⁶¹⁷Ibid., p. 123, nota 51: “The ability of the Pentecost assembly to speak ‘in other tongues’ (‘foreign’ languages) is probably a different phenomenon from glossolalia at Corinth: it may be derivative from Luke’s understanding fo the Spirit as an endowment which enables the Apostles (and others) to communicate the word and works of God to all people. The prophets at Antioch (Acts 13,1) show no ecstatic features.

⁶¹⁸Ibid., p. 124: “The same terms are used in 14,22 of the activity of Paul and Barnabas, who must have been regarded, at some stage in their careers, as prophets, in view of 13,1”.

⁶¹⁹Ibid., p. 125 passim.

sua atividade e experiência distanciam-se do fenômeno profético. Assim também Paulo, no exercício de seu ministério, tem característica do fenômeno profético.

Tanto no AT como no NT, a palavra é expressa pela mediação do Espírito, isto é, por meio da inspiração, e foi conservada como profética somente quando ouvida e discernida como tal pela comunidade de fé. A expressão não é conservada como genuinamente profética, por entrelaçar alguns dados ou predeterminada forma e conteúdo: a autenticidade depende do reconhecimento da ‘*vox Dei*’, falada através do seu servo e sobre os efeitos de sua palavra na vida da comunidade⁶²⁰.

4.5.3

O ‘autor-profeta’, mestre de uma Escola de Profetas?

Os indícios da existência de um mestre dos profetas são fortes e contundentes, pela sua aproximação com a situação vital dos cristãos a quem ele se dirige (Ap 1,9; Ap 2-3). A omissão sobre os detalhes da estrutura eclesial, em especial, na Ásia Menor, e ao mesmo tempo o enorme espaço cedido ao ‘perfil’ do profeta, que se pode inferir da obra apocalíptica, sustentam a hipótese de que o ‘autor-profeta’ atuasse como um ‘mestre dos profetas’⁶²¹.

Nessa linha de investigação, dois autores sobressaem A. Satake⁶²² e F. Rosseau⁶²³. Apresentamos a seguir, uma breve síntese dessas duas obras.

A. Satake se propõe a examinar a reconstrução da hipotética realidade ‘profético-grupal’ no contexto do Apocalipse joanino. Qual teria sido o contexto

⁶²⁰HILL, D., Op. cit., p. 130: “*This death of assuredly genuine material about and from New Testament prophets provokes the question: In our desire to understand and asses prophetism today, are we seeking from the New Testament information that is much more precise than the various writers and books in fact give? We should be content to recognize the fluidity of the New Testament use of terms like ‘prophêtes’ and the overlapping of functions in the apostolic, prophetic and teaching ministries. Certain things that some Christians , especially Christians leaders, did and said under the inspiration of the Spirit and in the congregation were regarded by those witnessed them as being prophetic: these were the prophets of the primitive Christian church*”

⁶²¹FEKKES, J., Op. cit., p. 40, nota 55: “*Because of this silence and John’s high opinion of prophets as a special class of God’s servants, some scholars have suggest that he functioned as the prophetic shepherd of these congregations, or that the was a master prophet within a local band of prophets*”; HILL, D., *Prophecy*, 87-88; AUNE, E. D. *Prophecy*, 206-208 “*is hesitant to accord John any leadership to the community...*”

⁶²²SATAKE, A., *Die Gemeindeordnung in der Johannesapokalypse*, Neukirchen, 1966, 155-161.

⁶²³ROSSEAU, F., *L’Apocalypse et le Milieu prophétique du Nouveau Testament*, Montreal, 1971, 131-146.

concreto que justificou no ambiente comunitário, a ereção da hipótese, refletida indiretamente pelos textos do Apocalipse, de que tivessem existido grupos de profetas? E aqui não se confundem duas questões diversas, apesar de relacionadas, ou seja, a hipótese de uma forma comunitária no Apocalipse e aquela do Autor da obra.

A. Satake parte de uma precisa pressuposição: o ‘autor-profeta’ compôs sua obra em um estilo apocalíptico. Isso significa estilo literário proveniente de um distinto e preciso ‘milieu’ dos seus ouvintes e leitores⁶²⁴. Fundamentada nessa concepção está a consciência do fim dos tempos, experimentada à luz da Salvação trazida por Cristo⁶²⁵.

Existe uma relação de dependência entre esta consciência escatológica cristã e a ação dos profetas na comunidade? Com a tradição profético-escatológica de Jo 3,1 (Cf. At 2,16s) LXX: “*καὶ ἔσται μετὰ ταῦτα καὶ ἐκχεῶ ἀπὸ τοῦ πνεύματός μου ἐπὶ πᾶσαν σάρκα καὶ προφητεύουσιν οἱ υἱοὶ ὑμῶν*”, relaciona-se o fim dos tempos com a difusão do ‘dom da profecia’. Se essa hipótese fosse verificável, então o caráter escatológico-apocalíptico dessa obra representaria o produto da ação de uma comunidade profética.

Do texto do Apocalipse joanino, nota-se que não se deveria falar de uma fundamentação direta da profecia em relação à figura de Cristo. O Apocalipse não expressa ‘propheteia Iesou’. Jesus testemunha, mas não profetiza. Ao contrário, parece que o ambiente da tradição judaico-cristã teria sido o contexto literário e teológico elaborado por estes profetas.

Em sua análise, A. Satake sustenta que se podem pontuar dois índices de comprovação da existência de um círculo ativo de profetas no interior da comunidade: o primeiro elemento seria o uso do material sapiencial, que desempenha um importante papel na narração profética; o segundo elemento é oriundo do uso riquíssimo da tradição profética veterotestamentária.

F. Rosseau, baseando o conjunto de sua pesquisa sobre a premissa do ambiente profético como ‘milieu’ específico do Apocalipse joanino, procede com

⁶²⁴SATAKE, A., Op. cit., p. 156.

⁶²⁵SATAKE, A., *Die Gemeindeordnung*, p. 156 “*Die frage is nun, ob dieses zeitverständnis mit der tatsache zusammenhängt, dab in der Gemeinde propheten wirken*”.

mais desenvoltura na argumentação da existência de uma forma de ‘escola’ ou ‘círculo’ profético no Apocalipse⁶²⁶.

Segundo F. Rosseau, a hipótese das escolas de profetas no NT se funda, em parte, sobre a predição de Joel 3. Esta inovação profética se deve, de certa maneira, à imagem do profetismo veterotestamentário, em que é segura a presença da existência de grupos de profetas. Segundo ele, o Apocalipse joanino é produto de uma forma de ambiente profético; um círculo de profetas sob a influência do ‘autor-profeta’ teria atuação específica no contexto da Ásia Menor⁶²⁷.

4.5.4

O ‘autor-profeta’: líder da comunidade-profética

No âmbito do Apocalipse joanino, são claras as ações do ‘autor-profeta’ no seu escrito. Embora o ‘autor-profeta’ João se coloque na mesma linha dos outros membros da comunidade, a sua figura mesma de profeta e sua relação com a comunidade ou comunidades a ele confiada sobressaem no texto.

O profeta é alguém que fala com assumida autoridade dentro da comunidade a ele confiada. Considerando que a atividade e a mensagem do ‘autor-profeta’ João enquadram-se no âmago da tradição profética do AT, isso possibilita destacar, em linhas gerais, o que vem a ser designado por ‘prophêtes’: o ‘autor-profeta’ João estabelece uma relação fraterna ao se considerar irmão, mas sua fala é inquestionável, sobretudo, pela sua legitimidade divina (Ap 21,5; 22,6).

⁶²⁶Outros autores que assumem a hipótese da ‘escola’ ou ‘círculo’ profético: SWETE, H.B., *The Apocalypse of St John*, London, 1907, XX: “It is from the prophetic circles in this groups of churches that the one great literary product of early Christian prophecy emanates... moreover, its clear that the (John) is a solitary prophet, but a member of an order which occupies a recognized and important position in the Christian societies of Asia”. E ainda p. XXI: “Such a view of the ministry is not unnatural in a prophetic book, written by a prominent member of the prophetic order..”; Cf. ROSSEAU, F., *L’Apocalypse*, 135: “L’Apocalypse émanerait d’un cercle prophétique d’Asie Mineure aux yeux dunquel les presbyters et les diacres ont peu d’éclat”; CARRINGTON, P., *The meaning of the Revelation*, London, 1931, 58 “A school of prophets soon arose, but its origins is lost in the obscurity which clouds the whole Palestinian church. We first hear of prophets as going from Jerusalem to Antioch, and one them, Agabus... Possibility the prophets too were driven from Jerusalem by persecution...”

⁶²⁷ROSSEAU, F., Op. cit., p. 146 passim: “Nous pensons que le texte de l’Apocalypse serait l’oeuvre d’un cercle de prophètes placés sous l’influence de l’apôtre Jean”; “Cette école de prophètes aurait animé la vie liturgique de ces églises et, parmi eux, des théologiens ou des apocalypticiens auraient mené une longue reflétions sur l’événement de la ruine de Jérusalem”.

Com esses e outros pontos, o ‘autor-profeta’ João pode assegurar sua autoridade e sua atividade diante da comunidade-profética⁶²⁸.

Se esse percurso é um substancial paralelo ou não, o certo é que o ‘autor-profeta’ João parece reivindicar para si uma distintiva autoridade sobre os seus irmãos profetas, ao menos em dois aspectos: a) ele compõe o livro; b) ele exerce um papel especial na mediação da revelação de Cristo. Então, o ‘autor-profeta’ João é um líder de um grupo de profetas⁶²⁹.

O profeta cristão é a pessoa conduzida pelo Espírito. As citações confirmam essa disponibilidade do profeta ao ser guiado no Espírito (Ap 1,10; 4,2; 17,3; 21,10). Conforme foi dito por E. Boring⁶³⁰: *“The original revelatory chain God\Jesus-angel-prophet-church is reduced functionally to Christ-prophet-church. The prophet is the one who stands between the risen Christ and the Church, giving voice to the church’s Lord who is already present as ‘pneuma’ but would be mute without his prophet”*, ou ainda na expressão de Hahn⁶³¹: *“The prophet is the fully authorized witness to Jesus and through his words, provided by the Spirit, the Lord himself speaks to his church”*.

Diante dessas expressões acima expostas, é evidente a função do profeta cristão como intérprete dos acontecimentos históricos. Sua sensibilidade para a situação atual das comunidades a ele confiadas demonstram seu conhecimento da realidade vivida pelos seus membros no âmbito conjuntural, ou seja, o contexto sócio-político-religioso-cultural interage em sua mensagem profética, não

⁶²⁸HILL, D., *New Testament prophecy*, Atlanta, J. Knox, 1979, p. 87: *“Nevertheless he now there has to authenticate or establish this authority, an authority so great that some scholars suggest that he stands closer to Old Testament prophecy than to what we know from elsewhere of New Testament prophecy.*

⁶²⁹Ibid., p. 88: *“Whether there were authorities others than the prophets in the church(es) of the book of Revelation is a question on which there is no consensus opinion. According to Bornkamm, the prophets – the Divine himself and his brethren – together with the apostles are the only authority in the church of the Revelation, since there is no mention of other leaders or officials. Satake goes further and explicitly declares that the prophets are the only office-bearers (amtstränger) in the church or churches pictures in the book” (export nota 49 e50)*

⁶³⁰Ibid., p. 91: *“The Christian prophet is a man controlled by the Spirit. We suggested earlier that phrases like ‘I was in the Spirit’ (Ap 1,10; 4,2) and ‘he carried me away in the Spirit’ (Ap 17,3;21,10) do not denote ecstatic rapture, but action in the sphere of and under the power of the Spirit (of God or of Christ). And it is the Spirit which inspires the prophet’s insight and utterance. Throughout the Revelation the Spirit is regarded as operative (especially in address) in the Church as a kind of alter ego or representative of the risen Christ. Consequently, as Boring says, ‘The original revelatory chain God\Jesus-angel-prophet-church is reduced functionally to Christ-prophet-church. The prophet is the one who stands between the risen Christ and the Church, giving voice to the Church’s Lord who is already present as pneuma but would be mute without his prophet’: or, as Hahn puts it, ‘the prophet is the fully authorized witness to Jesus and through his words, provided by the Spirit, the Lord himself speaks to his church’*

⁶³¹Ibid., p. 91.

obstante ele retome elementos da tradição profética do AT. à luz do Evento-Cristo⁶³².

4.6

Conclusão

A análise do termo ‘προφήτης’ e ‘προφητεία’ no âmbito do NT. e da ‘escola joanina’, em particular, no Apocalipse de João. Pôde-se constatar através desse vocábulo e seus correlatos a enorme problemática que envolve essa temática. Já em sua visão inaugural (Ap 1,3), o autor faz menção ao objetivo de seu escrito, além de ser tomado\possuído pelo Espírito, o que lhe confere particular autoridade, cabe-lhe também a missão de escrever a profecia.

A análise da problemática na esfera da autoridade do profeta-vidente trilha os passos dados por G. Friedrich, em particular, sobre a singularidade do perfil profético joanino na sua interação com as imagens proféticas do NT. A partir desse trabalho, foi possível examinar os argumentos favoráveis, mas, sobretudo, as propostas oferecidas por D.E. Aune. Portanto, esses dois trabalhos foram os condutores primordiais para compreender o perfil profético do NT.

J. Fekkes, em continuidade com essa linha de pesquisa D. E. Aune, investiga ‘Sitz in Leben’ do livro na sua relação com a enorme complexidade da profecia cristã primitiva, por se tratar de um perfil característico do profeta judeu-cristão, considerando que a sua autoridade profética se enraíza nos elementos fundamentais do Querigma primitivo, isto é, na dimensão cristológica. Essa, porém, é evidenciada no contexto da cristologia escatológica dos últimos dias⁶³³.

Uma interrogação parece ainda inquietar as pesquisas: Há uma classificação do fenômeno da profecia? Uma resposta direta e simplista a esta questão possibilitaria ser rejeitada antes mesmo de esboçar suas conclusões. Antes

⁶³²Ibid., p. 91: “*The substructure of the Christian prophecy enunciated in the Revelation is formed by the Old Testament, but between the two stands the saving action of God in Christ’s suffering and glorification, and it is this that provides the key to what the Old Scriptures say to the contemporary situation. But the Christian prophet does not operate in a deductive fishing, quoting the Old Testament and then giving the Christian meaning, but under inspiration (as in the case of the Qumran Teacher of Righteousness) which allows him to perceive the Old Testament texts, not as words merely to be reflected upon but as oracles which form a living unity with his own message.*”

⁶³³Ibid., p. 58: “*He is not part of a prophetic circle, but stands in a prophetic continuum which carries on and brings to final revelation the living words of God entrusted to the care the brother hook (Ap 10,7). The presupposition of continuity is supremely Christological.*”

de se passar ao exame do contexto da profecia cristã, considerando-a como um foco fundamental da comunidade primitiva à exegese do texto, é possível traçar uma ‘tentativa’ de classificação, mesmo tateando os meandros da profecia no cristianismo primitivo.⁶³⁴

A identificação da profecia cristã se obtém por meio do processo de distinguir os chamados elementos de origem greco-helenística (pagã), daqueles de origem judaica⁶³⁵. Partindo desse pressuposto, o estado ‘estático’, fruto de uma determinada fase da profecia cristã, é identificada como de ‘origem pagã’⁶³⁶.

Assentados esses elementos *a priori*, resta-nos agora, seguir cautelosamente os passos de D.E.Aune. A princípio, ele sublinha três hipóteses plausíveis de classificação da profecia. Mas, ao mesmo tempo, tem consciência da fragilidade e das graves deficiências decorrentes de tais classificações. “*Scholars have proposed several types of Christian prophets and prophecy, but each proposal suffers from serious shortcomings*”.⁶³⁷

A primeira hipótese abrange o aspecto geográfico, ou seja, diferencia os profetas a partir de sua esfera de atuação⁶³⁸. Nesse caso, tratar-se-ia de dois grupos: os profetas representados pela comunidade de tradição Q; e os profetas atuantes, sobretudo, na comunidade de Corinto (I Cor 12-14).

A segunda hipótese caracteriza a profecia em seu eixo comunitário: de um lado, estão os ministérios citados (ou idealizados) por Paulo; e, do outro lado, a profecia apocalíptica concretizada pelo autor do Apocalipse⁶³⁹.

⁶³⁴AUNE, E.D., *Prophecy in Early Christianity and Ancient Mediterranean world*, Michigan, 1991, 230-231.

⁶³⁵Essa classificação distintiva é aceita por muitos especialistas como modo prático de identificar a profecia cristã. Para E.D. Aune, não existe um estado ‘puro’, denominado profecia cristã, mas ela é fruto de um processo longo de cristianização da profecia de origem judaica e da greco-helenística. Cf. E.D. AUNE, *Prophecy*, 230: “*Early Christianity began as a sect within Palestinian Judaism, a Judaism which had been penetrated by influences from both west and east for many centuries... these traditions were not simply assimilated without change, but were ‘christianized’.*”

⁶³⁶AUNE, E.D., Op. cit., p. 230, nota 237: A partir da teoria de H. Bacht, *Wahres und falsches prophetentum*, **Bib 32**, (1951), 237-262, toma como princípio pressuposto teológico. Para ele, a profecia cristã é muito superior àquela de origem pagã. Sua crítica baseia-se muito sobre aquela já feita por diversos Padres. Aune observa criticamente que Bacht, simplificando uma forma de classificação da profecia pagã, termina por construir uma caricatura, ao invés de uma descrição. Cf. AUNE, E.D., Op. cit., p. 230 “*In many respects, however, Bacht’s depiction of Greco-Roman prophetic inspiration is a synchronic caricature of the phenomenon he attempts to describe*”.

⁶³⁷Ibid., p. 230.

⁶³⁸Ibid., p. 231: “*distinguishes between prophets who direct their message to all Israel and those who functioned primarily within the setting of the Christian community*”.

⁶³⁹Contrários a essa hipótese, muitos dados ajudam a fundamentar uma posição crítica entre esses dados, o debatido tema do isolamento do profeta-vidente (João), baseado em uma distinção forçada entre Paulo e João. Cf. E.D. Aune, *Prophecy*, 231, nota 242-245.

Por fim, a profecia vem diferenciada através de uma classificação de conteúdo: profecia apocalíptica (ligada possivelmente, à predição de futuros eventos escatológicos); profecia parenética e profética⁶⁴⁰. A característica do fenômeno profético no cristianismo primitivo parece estar longe de soluções satisfatórias, por isso é impossível delimitar toda a problemática envolvente; portanto, ela continua aberta ⁶⁴¹.

⁶⁴⁰Similar categorização é encontrada E. Cothenet, *Les prophètes chrétiens comme exégetes charismatiques de l'Écriture*, In J. Panagopoulos (ed.), *Prophetic vocations in the New Testament and Today*, Leiden, 1977, 77-107, esp. 79; Cf. E.D. Aune, *Prophecy*, 231: "the difficulty with this mode of classification is that the first and second categories cannot really be distinguished, while the third category involve a type of inspired speech about which very little is known".

⁶⁴¹AUNE, E.D., *Op. cit.*, p. 231: "The institution of Christian prophecy, it appears, does not readily lend itself to categorical conceptualization. This negative conclusion, however, is not without significance".